

Monteiro
LOBATO

A BARCA DE GLEYRE



© Editora Globo, 2010
© Monteiro Lobato
sob licença da Monteiro Lobato Licenciamentos, 2008

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc. sem a permissão dos detentores dos *copyrights*.

Edição: Arlete Alonso (coordenação), Cecília Bassarani e Luciane Ortiz de Castro

Edição de arte: Adriana Bertolla Silveira

Diagramação: Gisele Baptista de Oliveira

Consultoria e pesquisa: Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta

Estabelecimento de índice onomástico: Vladimir Sacchetta

Indexação: Luciano Marchiore

Preparação de texto: Página Ímpar e 2 Estúdio Gráfico

Revisão: Huendel Viana e Margô Negro

Produção editorial: 2 Estúdio Gráfico

Projeto gráfico: Manifesto Design

Créditos das imagens: Acervo Iconographia (páginas 14, 16, e 24), Acervo Companhia Editora Nacional (páginas 15, 18, 19 e 25), Arquivo Família Monteiro Lobato (páginas 8, 12, 17, 20 e 21), Reprodução de Monteiro Lobato: Furacão da Botocúndia, Ed. Senac SP (páginas 22 e 23).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lobato, Monteiro, 1882-1948.

A barca de Gleyre / Monteiro Lobato. –
São Paulo : Globo, 2010.

Bibliografia

ISBN 978-85-250-4864-6

1. Cartas brasileiras I. Título.

10-05963

CDD-869.96

Índices para catálogo sistemático:

1. Cartas : Literatura brasileira 869.96

2. Correspondência : Literatura brasileira 869.96

1ª edição, 2010

Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1.485 – Jaguaré

São Paulo – SP – 05346-902 – Brasil

www.globolivros.com.br

monteirolobato@edglobo.com.br

SUMÁRIO

8	Monteiro Lobato
11	Obra adulta
12	Labor intelectual e consciência literária
27	A barca de Gleyre
29	Três nomes...
30	Escusatória
32	1903
50	1904
82	1905
104	1906
132	1907
170	1908
190	1909
232	1910
242	1911
262	1912
270	1913
278	1914
294	1915
338	1916
386	1917
420	1918
432	1919

Estas cartas se salvaram, das que escrevi a Godofredo Rangel no dilatado espaço de quarenta anos. Quarenta anos do mesmo amigo e mesmo assunto, que fidelidade!... E a consequência foi se tornarem uma raríssima “curiosidade”. Não sei em nenhuma literatura de tão longa correspondência, sobre o mesmo assunto, entre só dois sujeitos.

O gênero “carta” não é literatura, é algo à margem da literatura... Porque literatura é uma atitude – é a nossa atitude diante desse monstro chamado Público, para o qual o respeito humano nos manda mentir com elegância, arte, pronomes no lugar e sem um só verbo que discorde do sujeito. O próprio gênero “memórias” é uma atitude: o memorando pinta-se ali como quer ser visto pelos pósteros – até Rousseau fez assim – até Casanova.

Mas cartas não... Carta é conversa com um amigo, é um duo – e é nos duos que está o mínimo de mentira humana. Ora, como da minha conversa escrita com Rangel se salvassem quase todas as cartas, tive ensejo um dia de lê-las – e sinceramente achei que constituíam uma “curiosidade editorial” de bom tamanho. E que teriam interesse para o público justamente porque ao escrevê-las nunca me passou pela mente que jamais fossem dadas a público. Mas vacilei. Dá-las ou não? Tão íntimo tudo aquilo. Tantas perversidadezinhas para com os amigos, tanta piada para cima do Nogueira – o companheiro que no fundo mais admirávamos... Além de que isso de cartas é sapato de defunto. Depois que o autor morre é que elas aparecem.

Pensei, pensei, pensei. Por fim, vá lá. Tenho sérias dúvidas sobre se estou ainda vivo – e se as cartas saírem com a minha revisão de semivivo, apresentar-se-ão podadas de muitas inconveniências que um semimorto já não subscreve.

1903

PRIMEIRA VISITA DE LOBATO A RANGEL¹

(Bilhete deixado no Minarete para Ricardo e Rangel, os dois muezins iniciais.)

TÉ, MUEZINS!

Asas da saudade abertas ao vento!

Por elas arrastado transportei-me hoje – sábado – ao Minarete fecundo.

Estava deserto. No ar parado moscas zumbiam. Moscas zumbiam no ar parado... Tristeza. Desolação. Sobre a mesa dormiam um Flaubert e um Coelho Neto. Não os desper-tei. Mas dum companheiro de soneca, Bruno de Cádiz, fur-tei alguns sonetos desconhecidos. Era o *Álbum do Minarete*

¹ *Minarete, era como chamávamos o chalezinho amarelo da rua 21 de Abril, no Belenzinho, uma rua sem calçamento, toda sebes de espinheiros. Devia haver, mas não me lembro, casas por lá, afora o chalezinho do Minarete centro dum terrenão de chácara. Uns cinquenta metros de frente, cerea viva com o portão de ferro no centro – o clássico portão de ferro com pilastras de tijolo e vasos em forma de urna em cima. Dentro dos vasos, essas pobres plantinhas que lembram pés de ananás, mirradas, atrofiadas, impedidas de crescer pela angústia de espaço para as raízes. No mais, laranjeiras, ameixeiras, creio que um pé de romã, o coqueiro ao lado, a horta e uma grande paineira à esquerda. Era ali a toca do Rangel.*

Diz ele em carta recente: "Eu naquela época trabalhava como escrivão de sub-delegacia no posto policial do Brás. Foi onde conheci o Ricardo, que um dia lá apareceu como repórter do Correio Paulistano. Vendo que, na folga do serviço, eu estava

e nele revi a cena inicial dos Domingos Boêmios, e nele encontrei recordada a “memorável farpela cor de pinhão do Lobato”.

a ler um romance de fãncaria, aconselhou-me coisas de mais valor; e convidando-me a ir à sua casa, lá me emprestou, para iniciação literária, o Germinal de Zola.

Pouco depois fui removido para o Belenzinho, e como o novo posto policial ficasse longe da casa de meu cunhado, que era onde eu morava, aluguei os altos do futuro Minarete a um senhor Júlio, excelente criatura que morava com sua gente no andar térreo. Dois cômodos. Por eles eu pagava 20 mil-réis por mês – e podia dar-me esse luxo porque vencia 120 mil-réis pela verba da guarda cívica. E lá fiquei morando, só indo à casa de minha família para o jantar.

Algum tempo depois apareceu Ricardo de visita ao meu sótão, como eu dizia; e tão encantado ficou que resolveu também mudar-se para lá – ao meu modo, isto é, só dormindo e almoçando lá. Nosso almoço era coisa sumarríssima. Prato de resistência, uma boa gemada batida em coço, na qual despejávamos café quente. Na biquinha do terreiro lavávamos o rosto e as vasilhas do café – e nessa labuta Ricardo perdeu certa manhã o valioso brilhante dum seu anel.

Muitas vezes, acompanhados pelo Raul e o Artur Ramos, que logo começaram a aparecer em companhia do Ricardo, saíamos do Minarete à meia-noite. Para alguma fãrta? Nunca. Para do alto do Belenzinho, perto duma fábrica de vidro, vemos os efeitos do luar sobre o rio Tietê. Sem qualquer resolução preconcebida, nada conversávamos sobre amores e nada sabíamos das pequeninas aventuras uns dos outros. Eram coisas vulgares e desprezíveis, ao lado de nossas elevadas cogitações sobre a arte pura...

Um dia, creio que domingo, Ricardo apareceu com o Raul, o Lobato (pela primeira vez), o Tito e penso que também o Artur Ramos e o Albino; fizemos uma refeição coletiva na horta, perto do coqueiro. Ainda me lembro: o Tito, no final, teve uma frase de sensação, comparando os restos do ‘banquete’ aos destroços dum campo de batalha. Eu já conhecia e respeitava o Tito, sem que ele o soubesse, isso desde que... Mas tenho de parar, porque as reminiscências não teriam fim”.

Rangel morou no Minarete um ano ou pouco mais. Ricardo e eu moramos uns meses. Estou a imaginar como surgiu a denominação do chalezinho. Ricardo entra lá pela primeira vez, vai à sacada e encanta-se com a vista agreste, com o coqueiro ao lado e a pãineira à esquerda. E numa expansão: “Mas é uma torre, Rangel! Veja que amplidão de vista se descortina! Uma torre – um minarete!... E você é um muezim...”.

Depois da adesão do Ricardo, deu-se a minha. Fiz como ambos: lá dormia e almoçava; o jantar era na cidade, em casa duma irmã. Lembro-me que entrei para o Minarete com grande fúria reformatória. Os dois cômodos eram caiados dum tom róseo já sujo. Resolvi deixar aquilo um encanto. Vou à cidade, compro na Casa Ferreira um lindo papel meio crepon, de listas de três dedos de largura, uma azul-clara, outra cor-de-rosa desmaiada e outra café com leite mais leite que café – uma beleza! E pus-me a empapelar o cômodo da frente. O papel só deu para três paredes. E como não houvesse dinheiro para mais, ou arrefecido já estivesse o entusiasmo, o empapelamento não foi por diante. O cômodo ficou como aqueles venezianos ou florentinos que usavam as pernas em maillot, cada uma duma cor...

Havia duas inscrições na parede. Uma delas: **AQUI SÓ SE COME PÃO DO ESPÍRITO**. Inscrição de defesa, ou espantativa dos “penetras” que só se lembravam

Boa farpela! A mais espetacular que ainda possuí. *Alfaiataria Galo*. Mereces na verdade mais que uma simples menção

de visitar os muezins na hora da gemada... E também havia um letreiro contra os cacetes: AS VISITAS DOS PROFANOS SÓ PODEM DURAR DEZ MINUTOS. Lembro que um dia, depois de ter estado lá o Ercole de Beccari, apareceu uma nova inscrição a lápis, em letra medrosa e miudinha: Dio vigliaco! O extremamente miúdo da letra era uma clara precaução para que aquilo passasse ignorado aos olhos de Deus, que, muito velho que é, deve tê-los cansados...

Nas visitas que os outros companheiros do Cenáculo nos faziam, era praxe, lá do portão, “baterem” o Hino do Minarete, cuja música fora composta pelo Rangel. As palavras reproduziam a grita de guerra dos tarasconeses como aparece no Tartarin de Daudet, com leve alteração no fim:

Dé brin o dé bran
Cabússaran
Dou fenestron
De Tarascon
Dedins lou Rose.

Querida dizer que, por bem ou por mal, jogariam (o inimigo) de cabeça para baixo, da janela de Tarascon dentro do Ródano. Em vez do “dou fenestron de Minaron dedins lou Rose”, o nosso o hino rezava: “dou fenestron de Minaron dedins lou Tetiose”. A janela de Tarascon passava a ser sacada do Minaron, ou Minarete; o Rose virava Tetiose, ou o Tietê.

Cada vez que lá no portão soava o hino, o muezim que estivesse em casa aparecia à janela e saudava o visitante com o “Vé!” dos tarasconeses.

– Vé, Costecalde! ou Vé, Bompard!

E o Costecalde ou o Bompard respondia lá de baixo com o “Té!”.

– Té, Bezuquet! ou Té, Tartarin!

Porque todos nós andávamos cheios do Tartarin de Tarascon de Daudet e cada um personalizava um dos heróis do romance. Ricardo era o Tartarin. Rangel, o Bezuquet. Cândido Negreiros, o Bompard. Artur Ramos, o espingardeiro Costecalde. Eu, Pascalon, o Engraçado. Havia até o Chameau – aquele camelo da Argélia que não largava de Tartarin e tentou acompanhá-lo na sua volta à França. Chameau era um menino aí de 16 anos, filho do capitão Júlio, que muito admirava e rentava o Ricardo, sem nunca abrir a boca. Naquele tempo todo mundo tinha posto militar. O “senhor Júlio” do Rangel era capitão.

E quais as vítimas que no Hino do Minarete eram “arremessáveis” no Tietê? Está claro que os “penetras”, os filantes de gemada e os detestados “literatos do Brás” – Macuco, Artur Goulart e outros, perenes alvos das nossas ironias de gênios de primeira classe. Por aquele tempo florescia no Brás, em torno de Artur Goulart, uma panelinha de literatos de pernas tão curtas que seus nomes não conseguiam transpor a Várzea do Carmo.

O nosso grupo, ligado por misteriosa afinidade mental, era composto de Ricardo Gonçalves, ou o Ricardito, o maravilhoso poeta que nos mantinha em perpétuo estado de encantamento e tão cedo se foi. Godofredo de Moura Rangel, o mais delicado e bonitinho do bando; vegetou toda vida como juiz e hoje, na aposenta-

– mereces biografia, ó veneranda companheira da *vecchia zimara*, da famosa capa de borracha do Lino e da “fatiota verde do

doria, geme os reumatismos em Belo Horizonte. Cândido Negreiros, o aristocrata do grupo, rico e elegantemente fraco dos pulmões (dava-se ao luxo de ter pulmões, coisa que nós outros nem sabíamos o que era); foi o primeiro a desertar; morreu poucos anos depois num sanatório da Suíça. Tito Lívio Brasil, o grandalhudo, jornalista pantagruélico, orador à outrance, eterno perpetrador de trocadilhos mesmo depois de passada a moda; mora hoje em São Paulo, sempre enorme e bambolean-te. Albino de Camargo, o nosso filósofo absoluto, o eterno duvidador que não tinha coragem de afirmar coisa nenhuma e nem sequer concluía as frases: no meio do caminho duvidava do que queria dizer e parava; foi deputado estadual pelo Partido Democrático e é lente de psicologia e lógica no ginásio, de Ribeirão Preto, onde duvida dos alunos e da lógica. Raul de Freitas, uma criatura de grande doçura, irredutivelmente romântico e já naquele tempo mais parasitado de saudades que o Bernardim Ribeiro; funcionário público, vive hoje a sofrer as consequências de duas operações cirúrgicas que pioraram o soneto; Raul era a sombra do Ricardo e a sua memória sobressalente: quando na recitação dum poema Ricardo engas-gava, Raul desengasgava-o, pois sabia na ponta da língua os mil sonetos e mais coisas que o poeta gostava de recitar. Lino Moreira, a bomba voadora do grupo, o Desmoulinzinho, o orador apoplético e fulminante, o mais nervoso e impetuoso dos homens; hoje purga o pecado da exaltação na placidez dum Cartório de Notas na rua do Rosário, Rio. Estes formavam o verdadeiro Cenáculo, o grupo inicial. Com o tempo outros se foram agregando, como o José Antônio Nogueira, primo do Rangel, que um dia nos caiu no Minarete como um bendengó vindo dos céus de Minas, egresso dum tremendo seminário daquele Tibete, onde já andava de batina e quase padre; um sopro de Voltaire revirou-lhe as crenças de pernas para o ar e Nogueira emergiu em São Paulo como Lázaro saído do túmulo, esgrouviado, desconfiado do sol, um desvario no olho, a pingar por todos os poros Deus e farelos da teologia, ainda na terrível luta mental do crer ou não crer; foi lá no Minarete que o evadido ao campo de concentração teológico travou relações com Zola, o sorvete, o amendoim torrado e outras liberdades de pensamento. O tempo transformou a descabelada e esgrouviada magreza do Nogueira no volumoso e notabilíssimo juiz que é hoje no Rio de Janeiro, onde preside o Tribunal de Apelação e planta uma “Nova Floresta” de meditações filosóficas nas colunas do venerando e ainda existente Jornal do Comércio. Júlio Costa, um professor recém-formado, esteve em observação como possível cenaculoide – mas, qual estrela cadente, afundou em Guaratinguetá e nunca mais soubemos dele.

Artur Ramos era um adido ao Cenáculo; não cultivava arte nenhuma, mas cultivava carinhosamente a adoração pelo Ricardo, de quem era parente, satélite e guarda-costas. Ricardo gostava de meter-se em pancadarias, e nessas ocasiões Artur funcionava como um precioso batalhão da reserva. Edgard Jordão apareceu tarde, sem tempo de integrar-se no bandinho.

No bilhete que deixei no chalé num dia em que fui visitá-los, o estilo em falsete imitava o “no ar parado um sino canta” do Bilac, e fazia troça do saudosismo romântico do Raul em suas “crônicas das saudades”, saídas no Minarete jornal. Essa visita não foi a primeira, como por engano está no título. Talvez fosse a segunda. Logo depois também me instalei lá. Nota da edição de 1948.

Tito”. Se algum dia me acudir engenho e arte, juro-te, farpela cor de pinhão, que te narrarei a mocidade, a maturidade e a melancólica velhice.

Havia ainda sobre a mesa... Céus!... Que prodigioso acontecimento! Que jamais prevista prodigalidade! Havia tinta!...

Silêncio. No ar parado não canta o sino. Só voejos de moscas e o leve sussurro do vento na folhagem da paineira. As folhas do coqueiro aflam ao vento. Silêncio... Súbito, um apito distante corta o espaço e, triste e melancólico, vem ferir-me o ouvido. É a Central... E em meu coração brotam pungentes saudades da minha infância em Taubaté. Ó infância minha na roça, quanta poesia etc. etc. O meu passado que não volta mais etc. etc. Adeus, vou-me embora, vou-me levado para outras terras. As recordações angustiam-me etc. etc. Adeus, muezins ausentes, que deixam as portas abertas. E se eu fosse um ladrão?

Em resumo: o Lobato veio visitá-los e perdeu o latim. Volta amanhã. Deixa *Lendas e narrativas* e *Robert Helmont*. Está de férias por todo um mês. Adeus. Té, Bezuquet! Vé, Tartarin!

LOBATO

* * *

SEGUNDA VISITA

Rangel:

Estive ontem e voltei hoje. Ninguém ainda. Só as moscas, o Flaubert e o Coelho. Muezins infieis que desertaram o Minarete! Por Alá que já é serem errantes – beduínos dos desertos da boêmia. Que a ira do profeta vos caia sobre a cabeça. Volta amanhã à mesma hora.

LOBATO

São Paulo, 9 de dezembro de 1903, ou 9 de Yewsky do ano II do nascimento do Cenáculo. (A ideia foi do Tito. Os meses ficaram assim: Janeiro, Bruno². Fevereiro, Raul. Março, Tito. Abril, Lino. Maio, Rangel. Junho, Júlio. Agosto, Nogueira. Setembro, Albino. Outubro, Cândido. Novembro, vago. Dezembro, Yewsky.)

Rangel, anjo do Cenáculo:

Acabo de profanar a palavra “anjo”, pois ao escrevê-la arrotei. É que saí do almoço com as ingestões ainda mal assentadas lá dentro. E por que escrevo em momento assim impróprio? Porque amanhã, sábado, entro em exame oral e estou com os minutos contados, a recordar definições e textos desta horrível seca que é a “matéria”. E escrevo hoje, em vez de após o exame (como seria o natural), porque acabo de ler no *Minarete*³ a tua primeira joia, meu

² Bruno de Cádiz, pseudônimo literário de Ricardo Gonçalves. Nota da edição de 1948.

³ *Minarete*, o jornalzinho que Benjamim Pinheiro manteve em Pindamonhangaba de julho de 1903 a julho de 1907. Benjamim havia se formado em direito e como pretendesse derrubar a situação municipal dominante, tinha necessidade dum aríete demolidor. Discutimos o assunto. Surgiu o problema do nome. Eu, que morara com o Benjamim numa república, estava nesse tempo morando no *Minarete* do Belenzinho. “Pois dê ao jornal o nome de *Minarete*, sugeri, e no primeiro número explicaremos aos povos o que é *minarete* – aquelas esguias torres das gentes islâmicas, de cujo topo, ao cair da tarde, os muezins convocam os fiéis à prece. Um jornal é um *minarete* de cujo topo o jornalista dá milho às galinhas da assinatura e venda avulsa. Fica muito bem este nome – e é nome que não está estragado. Tribunas do povo, por exemplo, existem centenas.” Benjamim aprovou a ideia e o *Minarete* veio ao mundo em formato 25 x 35. Esse calibre revelou-se logo insuficiente para abalar a fortaleza do situacionismo político local; era uma Flaubert de matar sanhaço. Seis meses depois Benjamim punha o *Minarete* no calibre 30 x 43 – e a fortaleza empalideceu. Com quatro anos de bombardeio, a situação veio abaixo e, gloriosamente chamuscado de pólvora, Benjamim subiu à Prefeitura.

Rangel, o teu primeiro vagido literário impresso, pois que manuscritamente tens vagido muito. Não calculas como aquilo está bom, sobretudo na primeira parte. Todos, sem exceção,

O *Minarete* começou com escândalo e foi um perpétuo escândalo na patez da “Princesa do Norte”, como se cognominava Pindamonhangaba. Essa cidade fora rica outrora, no tempo do Império, mas atravessava o pior período da sua decadência, nos trágicos anos anteriores ao Renascimento do Vale do Paraíba, começado com a introdução da cultura do arroz e das indústrias. Pinda morria, coitada; Pinda desabava. Os recursos da Câmara não davam nem para reparar uma parede do teatro, que estava aluindo. E Benjamim, de Pinda, me fazia por carta encomenda de pelouros. “Zé Bento: preciso de um artigo bastante severo, atacando a Câmara por causa duma racha na parede do teatro. E outro sobre o capim que há nas ruas. Ataque de rijo.” E eu atacava, mesmo sem conhecimento pessoal da extensão da racha nem da quantidade do capim das ruas. Outra carta dizia: “Há um chafariz sem água em tal largo. Meta o pau”. Outra dizia: “É preciso pôr culpa na Câmara do preço da carne. Quero um artigo intitulado Carnes Verdes. Imagine só o escândalo: os açougueiros andam ganhando 50 mil-réis em cada boi! A carne está por um absurdo. A mil-réis o quilo, a de primeira! Mil-réis, sim, Zé Bento! E a banha, a 800 réis! Inda ontem compramos aqui em casa dois quilos de lombo de porco, sabe a como? A 800 réis o quilo! Meta o pau na Câmara”.

Eu me divertia fazendo de longe o *Minarete* quase inteiro. Quantos números totalmente escritos por mim – o soneto, os contos, o “humorismo”, as “variedades”, o rodapé, o artigo de fundo! Isso me forçava a um grande sortimento de pseudônimos, para dar ao público a impressão de que o jornal dispunha de um exército de colaboradores: Lobtoyewsky, Yewsky, Pascalon, o Engraçado, Rui d’Hã, Hélio Bruma, Enoch Vila-Lobos, Matinho Dias, B. do Pinho, Osvaldo, P., N., Yan Sada Yako, Mem Bugalho, She, Antão de Magalhães, Nero de Aguiar, Bertoldo, Marcos Twein, Olga de Lima etc. etc. E todos lá do Cenáculo nele escreviamos. Bruno de Cádiz publicava as saudosas crônicas do Álbum do *Minarete*. Raul de Freitas, as suas tão sentimentais Recordações. Cândido apareceu nos primeiros números com a coluna Fen dé brut, assinando Bompard. Rangel assinava Bezuquet. Albino assinava Guy d’Hã. Ricardo também publicou no *Minarete* muitos dos seus sonetos e as traduções de Rostand e Lecomte.

Os artigos de encomenda – os “pelouros” – eram os clássicos Melhoramentos Municipais, Cemitério Municipal, O calçamento, Fechamento de portas, Policiamento, Iluminação pública. Um dia aconteceu um caso curioso. Eu estava em São Paulo, morando na república do Cândido, e lá recebi uma carta do Benjamim: “Preciso dum artigo sobre a iluminação pública. Pinda está às escuras. O pessoal da Câmara quer iluminação a álcool; nós da oposição temos de querer outra – lâmpioes belgas, por exemplo. Meta o pau no álcool e defenda o lâmpio belga”.

Eu ia saindo para a aula quando recebi a carta, e disse ao Cândido que estava de folga: “Leia isso e faça o que o Benjamim quer”. Quando voltei, de tarde, vi umas tiras na mesa do Cândido.

– “Escreveu o que pedi?”

gostamos imenso – e foste proclamado o *primus inter pares* do Cenáculo. Enquanto o resto dessa cainçalha se amofina por aqui, infecunda e lorpa, só alcançando sucesso pela fúria,

– “Sim” – respondeu ele lá da cama, onde lia o Tartarin de Tarascon.

Corri os olhos. Infame! Havia feito uma molecagem. Propusera o lâmpião belga, mas viera com um exemplo da França, pura brincadeira na qual figuravam personagens do Tartarin. Dizia ele: “Em 1893 a cidade de Beaucaire, na França, passou pelas mesmas indecisões que nós. Queriam substituir a luz baça e insuficiente das feias e malcheirosas lâmpadas de azeite por coisa melhor. A Câmara Municipal, de que era presidente Mister Pegoulade, o mesmo que depois tanto se notabilizou na construção de pontes sobre o Ródano, abriu concorrência. Os projetos vieram aos milhares: a elegante luz elétrica, o álcool, o gás, tudo. Havia entre eles um mais humilde: o da iluminação de Beaucaire por meio de lâmpões belgas, e tão vantajoso eram os seus termos, que a Câmara se deteve no estudo. Foi aceito esse projeto, e dali a seis meses, no dia 14 de julho de 1894, ocorreu a inauguração com a presença do prefeito e mais pessoas gradas. O efeito foi magnífico, com grande pesar dos despeitados (que existem em toda parte) e hoje raras são as cidades sobre o Ródano que não sejam iluminadas a lâmpões belgas. Suas vantagens são enormes, e temos a certeza de que, aceito o nosso alvitre, dentro em pouco veremos as nossas ruas claras em vez de escuras, e não teremos a vergonha de dizer com que a Princesa do Norte é iluminada etc.”

– “Ora, Cândido!” – exclamei desapontado. – “Pedi um artigo sério e você me vem com brincadeira. Beaucaire, Mister Pegoulade... Pontes sobre o Ródano... Não posso mandar isto.”

– “Mande. Eles não percebem...”

Cociei a cabeça, indeciso. Mandar ou não mandar? Por fim, com preguiça de escrever outro, mandei. O Benjamim que decidiu.

Dias depois recebemos o Minarete de 16 de julho de 1903, com o artigo de fundo ÀS ESCURAS exatinho como Cândido o escrevera. Lá estava Mister Pegoulade, um dos heróis do romance de Daudet, transformado em Presidente da Câmara de Beaucaire, a cidade de Tartarin... E o curioso é que foi tiro e queda. Lida em sessão da Câmara por um vereador oposicionista, homem do Benjamim, a brincadeira do Cândido causou sensação. Se Beaucaire, uma cidade da França, resolvera assim o seu problema da iluminação pública, por que Pindamonhangaba não faria o mesmo? E o situacionismo foi derrotado. A Câmara aprovou a solução apresentada pelo artigo de fundo do Minarete. “E requiero senhor presidente”, disse o vereador oposicionista, “que este artigo seja transcrito nos Anais da Câmara para memória da posteridade.” Foi aprovada a transcrição – e lá deve estar nos Anais da Câmara de Pindamonhangaba o artigo de brincadeira do Cândido...

Foi essa a primeira vitória de Benjamim nos negócios municipais. Abriu caminho para outras, e quando chegaram as novas eleições ele derrotou estrondosamente o situacionismo e virou o Mister Pegoulade da Princesa do Norte.

O Minarete foi um jornal sui generis, inteiramente fora dos moldes do jornalismo do interior. Escrevíamos para nós mesmos, para brincar uns com os outros, e

como o Lino ou com desordens, como o Bruno, lá num soca-vão mineiro nosso Anjo progride desembaraçado e já apresenta contos dignos de Daudet⁴.

Franqueza, Rangel, invejo-te muito! Nesse andar *chegadas*. Quem leu os teus comecinhos n’O *Combatente*⁵ e agora

os leitores pindamonhangabanos viviam tontos com aquelas incompreensibilidades. O primeiro número abriu com o rodapé dos LAMBE-FERAS, um romance absurdo, de capítulos curtos e esquizofrênicos. Amostras:

CAPÍTULO V

Chegamos. Almoçamos. Descansamos. Dormimos.

CAPÍTULO XII

Em que em vez da “rapariga interessante” se fala no destino que teve uma dália murcha.

CAPÍTULO XVII

Que não passa dum parêntesis aberto no interior para tratar do inconveniente de se encherem demais os bules de café.

CAPÍTULO XXXV

(Suprimido, a pedido do bom-senso.)

Também no Minarete saiu O QUEIJO DE MINAS ou HISTÓRIA DE UM NÓ-CEGO, “romance joco-sério, em capítulos curtos e português de lei, com duas mortes trágicas e outras coisas interessantíssimas, no qual os autores deixam de escrever os pedaços que os leitores habitualmente pulam”. Era meu e do Rangel, mas não chegou a bom termo. Em dado momento impliquei-me com um dos personagens do Rangel e matei-o. Rangel revidou, matando um dos meus – e assim foi até ficarmos em campo só nós dois, os autores. Et le combat cessa, fait de combatants... Nota da edição de 1948.

⁴ Primeiro conto de Godofredo Rangel no Minarete, Simbólico vagido, no qual descreve o seu próprio nascimento e o seu primeiro vagido... Nota da edição de 1948.

⁵ Oscar Breves, sizado funcionário dos Correios, mantinha um jornaleco desses de “pegar anúncios” – O Combatente. Um dia os rapazes do Cenáculo “invadiram” o jornal de Oscar Breves e transformaram-no em algo supremamente vivo. Nele publicou Rangel um longo itinerário de viagem, De São Paulo ao Guarujá, um primor de descritivo em que denunciava o seu talento. Rangel empreendera essa viagem com apenas 7 mil-réis no bolso, e teve de voltar de Guarujá a Santos a pé, assustando os caranguejos da lama preta do mangue e alimentando-se de pão e bananas. O nosso introdutor n’O Combatente fora o Ricardo, pelo qual o Oscar Breves tinha uma admiração

⁶ Consultei-o sobre este ponto, e em carta de outubro de 1943 veio esta nota: “Viajei com 7 mil-réis no bolso, o que dava para a passagem de segunda e para comer alguma coisa pelo caminho (deu para umas sardinhas e um café); o ‘café’, tomado em Santos no dia da volta, consistiu numa média de 60 réis e um pão de 40 réis, se não me falha a memória. Como única bagagem levei um cobertorzinho e a escova de dentes... Eu não sabia que a passagem da barca dava direito à viagem de trem na ilha, e por isso fiz o trajeto a pé, ida e volta, aí seus nove quilômetros”.

lê o teu *Vagido*, apalpa o progresso. Mas deixemos isto, porque tens a mania de modéstia e o sestro de me considerar irônico. Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente, em cartas intermináveis – mas é coisa que só farei se me convencer de que realmente queres semelhante coisa.

Mando um *Estado* com o discurso do Ramalho Ortigão, e o começo do meu *Diário*. E vai uma revista com capa minha.

Responda sem demora se está disposto a ser caceteado à distância – telecaceteado! Pode dirigir a carta para Taubaté, para onde sigo nestes três dias.

YEWSKY

em que metade era medo. Fez parte do “comando” invasor o Tito Franco, um rapaz sem pescoço, atarracado, famoso em São Paulo pelo seu extraordinário talento e pelo horror que tinha aos banhos. Tito Franco inventou logo uma scie. Em cada número d’O Combatente ele tomava à conta um figurãozinho qualquer da mocidade elegante de São Paulo e “serrava-o”. A primeira vítima foi Heráclito Viotti, moço muito evidente e feio. O até então austero jornal do Breves, tão respeitador de tudo, incapaz de rir-se, sempre cheio de artigos severíssimos (como a série Grêmios da Defesa Nacional, do próprio Breves), apareceu inopinadamente com versos do Ricardo, crônicas e brincadeiras dos outros e o tal itinerário do Rangel. Mas o pior foi que entre um artigo e outro vinha um “bigode” com uma frase em negrito dentro – artes do Tito Franco – e todas as frases cantavam, com variante de forma, sempre a mesma coisa: a feiura do Viotti. Um dizia: “Como é feio o Viotti!”. Outro dizia: “Mas é muito feio o Viotti!”. E outro: “É feio demais o Viotti!”, e assim por diante. O Breves, coitado, ficou muito vexado com aquela quebra de compostura, mas como reagir contra toda uma alcateia de cães terribilíssimos? E acovardou-se. No número seguinte a vítima foi um Benedito de Sales Guerra, moço da moda. Tito Franco implicou-se com a sua elegância e fez os “bigodes” assim: “Como é elegante o Sales Guerra!” – “Mas é muito elegante o Sales Guerra!” – “Para elegância, o Sales Guerra!” e vinte vezes isso pelo jornal inteiro. E desse modo viveu O Combatente, a publicar as nossas maluquices, até que o Breves foi chamado à polícia e teve de fechar o pobre jornal. A razão da scie, na explicação do Ricardo, era que, para justificar o título, O Combatente tinha de combater qualquer coisa – e não somente a gramática, como quando o Breves o escrevia sozinho... Nota da edição de 1948.

SÃO PAULO, 1903.

Rangel:

Ainda com os dedos trôpegos dum interminável ponto de Direito de Falências que acabo de copiar, venho responder à tua carta, que esteve encalhada no Minarete, do qual eu e Ricardo fugimos e está agora habitado só pelo Nogueira. Anda o Nogueira injetando vida e calor no corpo apalermado do Cenáculo, espantando o tédio mortal que nos ia consumindo. Vive a citar Voltaire e Max Nordau, todo ideias “caóticas e proteicas”, como ele mesmo as classifica. Ricardo batizou-o de “anacronismo ambulante”. Será, mas é antes de tudo um fole, um insuflador de vida. O depauperado Cenáculo reviveu, coisa que parecia impossível. Todas as noites, no Café Guarany, três, quatro, cinco e às vezes todos os cenaculoides nos reuníamos, e nos olhávamos sonolentos, chupando cigarros silenciosamente, sem que uma ideia viesse sacudir os nervos dos cenaculoides embotados. O Cândido puxava mais uma história dos seus famosos tios; o Tito lançava à mesa um trocadilho nojento. Ricardo não tirava os olhos de moscas invisíveis; o Albino bocejava. Só a força do hábito nos arrastava àquela mesinha para mais noites de tédio em comum. Nem o Raul tinha ânimo de vir com “uma do Eça” – e Lino, o irascível, desertara. Pois bem: o Nogueira aparece lá uma destas noites e tudo se transforma. Trava-se logo violentíssima e interminável discussão em que saiu tudo, desde o Jeová bíblico até o Macuco. Choque elétrico! Todos nos lançamos contra o Nogueira, todos nos acotovelamos para “lapidar” o Nogueira! Até o Lino emergiu da rua XV em garoa e veio berrar. O Cândido zumbia como mamangava. O Albino gania. Tito zurrava. Pandemônio puro. *Té, Nogueira!...*

LOBATO

Bezuquet:

Não és capaz, nunca, de adivinhar o que estou comendo. Estou comendo... Tenho vergonha de dizer. Estou comendo um companheiro daquilo que alimentava São João no deserto: içá torrado! Sabe, Rangel, que o içá torrado é o que no Olimpo grego tinha o nome de ambrosia? Está diante de mim uma latinha de içás torrados que me mandam de Taubaté. Nós, taubateanos, somos comedores de içás. Como é bom, Rangel! Prova mais a existência do Bom Deus do que todos os argumentos do Porfírio de Aguiar. Só um ser Onipotente e Onisciente poderia criar semelhante petisco.

Mas deixemos de lado o Içá e o seu Excelso Criador e falemos do teu cartão do dia 17. Sabe quando consegui agarrá-lo? Ontem, 11! E sabe onde? Na insondável profundidade daquilo que com tamanha modéstia o Nogueira chama “bolso”. O Bolso do Nogueira! Tremei, futuros cartões do Rangel! Aquilo é o Báratro! É o Elevador do Jacinto Galião. O que lá cai, engancha como o peixe do Grão Duque.

A pesca do teu cartão processou-se no Guarany sob a expectativa ansiosa de todos. A mão do Nogueira desceu às profundas do Báratro como um escafandro; e lá dentro, com muita perícia, aqueles dedos teológicos agarraram o soterrado e o foram tirando, lento e lento, num esforço de fórceps. Respirações suspensas! A música para! Por fim surge à luz do gás o teu cartão, Rangel – o primeiro chegado daí.

Lemo-lo com unção. No pedacinho em que dizes: “Dia e noite erro por montes e vales...”. Tito desfechou o trabuco do trocadilho: “Ah, ele *erra* por montes e vales? Como *acertou* indo para lá!”. Pausa para a pancadaria grossa; só depois da chacinha do Tito é que a leitura prosseguiu.

O nosso Minarete havia desabado⁶, mas com a entrada lá do prodigioso ermitão Nogueira as ruínas “desarruinaram-se”.

⁶ Alusão a um artigo do Rangel, Se o Minarete desabasse... Nota da edição de 1948.

Ele é uma prodigiosa trombeta de Josué às avessas. O Nogueira é a Guerra, é a Teologia Beligerante! É Louis Veuillot! É novamente Ezequiel!

Andamos agora cheios de projetos grandiosos. Em janeiro vamos nos meter pelos sertões da Mantiqueira para apalpar o terror cósmico e ler Nietzsche berradamente do alto das maçarranduas. E panteizar. Em fevereiro, uma algara contra Buenos Aires. Em março, o lançamento d'O Gato, todo unhas e mios famélicos. Em junho...

Exames adiados para dezembro. Companhia de operetas num sucesso doido. Tito falou na aula do Lessa sobre a morte do Ferreira Viana. O Largo do Rosário, firme no mesmo ponto⁷. Raul mais cheio de “ohs” do que nunca. Ricardo, uma mistura de sambuca, versos, tédio e extravagâncias. Cândido, magro e intragável, todo tios. Lino, nervoso como sempre e felídeo: arreganha e morde. São as notícias da terra e do bando.

LOBATOYEVSKY

P.S. O *Minarete* vai sair em formato maior.

⁷ O Largo do Rosário, assim chamado porque ficava ali a igreja do Rosário, traz hoje o nome de Praça Antônio Prado. São Paulo tinha naquele tempo uns quatrocentos mil habitantes. O Triângulo, formado pelas ruas XV de Novembro, Direita e São Bento, era a sala de visitas da cidade, e o Largo do Rosário, ponto de confluência da rua XV com a de São Bento, constituía a capital do Triângulo. “Fazer o Triângulo”: expressão das mais comezinhas. Depois do jantar toda gente ia fazer o Triângulo, e lá todo mundo encontrava todo mundo. O ponto de parada das rodinhas era o Largo do Rosário – as rodinhas literárias, as esportivas e as elegantes. O primeiro de nós que chegava, parava – ficava à espera dos outros. E vinham os outros – era infalível. Depois de reunidos, íamos para o Café Guarany, no começo da rua XV, e lá ficávamos até tarde, a bebericar “laranjinhas” (100 réis o cálice). No Guarany tínhamos a “nossa mesa”, a primeira da entrada, à direita. Nota da edição de 1948.

Rangel:

Venho da casa do Ricardo, que esteve uns dias de cama, tomado de febre: ressaca de idílio com uma moreninha do Brás. E deu-me um papel dizendo: “Carta do Rangel”. Meti aquilo no bolso e vim. Depois de refestelado, abri e *qu’est ce que c’est que ça?* Papiro egípcio? Coisa cuneiforme da Babilônia? Mas como não sou Champollion, examinei o papel e fiquei na mesma. Em todo caso, como Bruno classificara aquilo de “carta do Rangel”, fui obrigado a admitir que sim – mas não em consequência dos meus esforços decifratórios. Depois tive a intuição de tudo. Você leu que Zola havia perdido as suas primeiras obras por impossibilidade de decifrá-las e quer que aconteça o mesmo com as tuas primeiras cartas. Pois está acontecendo – e pelo menos nesse ponto estás igualado a Zola.

Amanhã entro em exame. O Albino já rodou para Ribeirão Preto com lata ao rabo – um miserável grau 4. E aquele Sheridan⁸ que nos desancou a todos, menos a você, é mesmo o

⁸ Pseudônimo de Lino Moreira, com o qual assinava os artigos publicados no Minarete. O primeiro artigo de Sheridan foi um tremendo ataque ao Cenáculo, do qual só foi poupado Godofredo Rangel, o mais querido de todos pela sua extrema bondade e delicadeza. O ataque de Sheridan apareceu no 21º número do Minarete sob forma de carta ao Redator: “Eis em dois traços, senhor Redator, quem sou: um neurastênico, doente febril, alucinado; na cabeça, um caos de visões sombrias e fantasmas; na língua, o prurido da difamação; na alma, ódio e fel; e nas resflegantes narinas, o faro do ridículo, do ignóbil, do imbecilizante. Modificando algo da minha terrível índole, consegui conviver algum tempo com meia dúzia de precoces temperamentos literários já dignos de análise. Desabrocham esses espíritos tenros e notavelmente pretensiosos dentro dum vocábulo engraçado e cristão – o Cenáculo. Estudei-os com requintado regalo de feroz apreciador da pretensão humana: meia dúzia de rapazes fundamentalmente parvos... E note, Egrégio Redator, que nesta incultíssima Pauliceia eles são o escol, a gema puríssima do espírito nacional, o seletto pensamento latino em seu máximo esplendor. Vejamos com rapidez o desfile dos silhuetados:

“1) Yewsky (Lobato): baixinho, miudinho. Moreno e rosto de expressão incolor. É o magister dixit da comandita de elogios mútuos. Espírito multiforme e versátil, elástico e científico (supõe-se ele). Muda de opiniões mais ou menos filosóficas com a sofreguidão dum comboio célere através de florestas. Intolerante e extremado no que escreve. Cultiva o mais escabroso gênero literário, a crítica. Estuda muito. Lê obras ponderosas... Escreve romances e esboça infames aqua-

Lino. Bem que tentou esconder-se, desancando-se também a si próprio – mas o estilo é o homem, e o Lino está mais ali do que

relas. Quando fala, ou preleciona (o mais comum), numa vozinha alambicada, expremendo as mãos, deixa transparecer nos lábios sarcásticos uma ponta de superioridade, seguro de si, orientado solidariamente pela meditação de pesados autores e provoca silêncio ou sono. Chama todo mundo de imbeci-i-l. Em resumo: farofas de filósofo num cérebro de literato à Machado de Assis.

2) Cândido Negreiros: o mais irritante de todos. O mais aristocrático, o que mais bem se veste. Mania de viagens. Feio e antipático, é seco no trato. Voz pausada e todo ele pretensões. Fumaças de escritor elegante ou, melhor, galante... Possui tios aos milhões e todos esses tios são heróis, fidalgos, talentosos. Amigos de caçadas. Filhote espúrio do Graça e do Eça.

3) Bruno de Cádiz (Ricardo): Seria um apreciável tipo de meridional se não fosse um pequeno defeito físico num dos braços e o ar gingado de capoeira. É poeta... sentimentalismo piegas cheirando a caipira e atraso. Tem alguns sonetos sofríveis. É um agitador socialista, de um niilismo vermelho e desorientado. Não é orador, não é polemista, não tem a solidez, robusta de preparo, dos paladinos das grandes ideias. Lírico sedizo e incaracterístico. Victor Hugozinho da roça...

5) Martinho Dias (Tito Brasil): Este é pavoroso! Vem das noites sombrias da história do Curso Anexo e vai para a eternidade das reprovações. Estudante crônico. Alto, corpulento, o andar mais impagável do mundo: parece um régulo da Hotentócia, balançando a majestosa figura por entre a turba de basbaques que o temem, cheios de espanto. Tipo vulgar, plebeu e por isso popularíssimo. É, ou diz-se, jornalista. Desde menino de 3 anos que ‘desbastava’ o estilo. Falador de péssima dicção e grotesca expressão, muito afetada. Faz trocadilhos tão maus que só a Inquisição lhe daria as penas merecidas – e por aí além. Lino desanca a todos, arrasa-os a todos, menos ao Rangel, do qual diz:

1) Rangel, o anjo do Cenáculo. Muitíssimo simpático, grande pureza de linhas. Olhos grandes e bons, meigos, de grande ternura. O fulgor de seus magníficos olhos tem qualquer coisa de paternal e irônico, mas de uma ironia leve, fina, aérea, encantadora. Bondosíssimo. Trato de moça, cativante, suave, irresistível. Generoso, modesto, duma modéstia sincera. Belo e robusto talento. Tem contos e descrições admiráveis. Há de notabilizar-se na literatura como o maior e mais brasileiro dos nossos contistas. Agora estuda a natureza da montanhosa Minas. Belas páginas! Seu estilo nervoso e cantante tem em cada cenaculoide um apaixonado saboreador. Muito de Bourget e tudo de Daudet”.

A bomba de Sheridan foi o grande sucesso literário de Lino Moreira, e o fato de em onze retratos só poupar ao Rangel prova que encanto era o Rangel para todos nós. Mas Lino também traçou o seu próprio retrato, ótimo como caricatura:

4) L. M. Este moço tem muito de arlequim e palhaço, com excessos de admanes, trejeitos e parolice estouvada e estafante de arengador romântico. É o mais acabado tipo do ‘falador’ nacional. Barulhento e superficial. Fala por todos os poros. Mania de discursos; celebrou-se como fazedor de brindes e artigos sibilinos, inextricáveis, fabulosos. Falta-lhe imaginação poética, nutrida de metáforas, calor, vida, brilho, elevação. Não tem nada disso. Se crescer e aparecer, será mais um papagaio chato e nulo numa cadeira de deputado...”. Nota da edição de 1948.

na rua Bráulio Gomes⁹. Ricardo entristeceu com a referência ao defeito do braço – e de toda a descalçadeira foi o de que não gostamos. O resto está ótimo – e estimulante. E aquele Souza Castelo, que nos “A pedidos” do *Minarete* surgiu em defesa do Cenáculo, é o Tito. Está uma defesa pior que o nariz dele.

LOBATO

* * *

TAUBATÉ, 28 DE DEZEMBRO DE 1903.

Rangel:

Escrevo ao pingar duma chuva miúda e sem-fim que nos alaga há dois dias. As ruas são passagens de lama bem amassadinha pelas rodas dos carros e patas dos animais. Sair é um impossível, e chega a ser rasgo de ousadia pôr o nariz fora da janela. Estamos encarcerados numa prisão de fios de chuva – coisa mais aprisionante que grades de ferro. Leio, leio interminavelmente. Meus olhos já estão cansados. Lamartine me faz ver a Revolução Francesa, com Mirabeau, Théroigne de Méricourt, Lafayette e o resto; recita-me arengas de Lameth, Robespierre e Marat; descreve-me o caráter altivo de Madame Veto, de par com a molenguiça toicinhenta de Luís XVI. Quando Lamartine me cansa, mudo-me para Zola na história de Gervaise Coupeau, dos invejosos Lorilleux, da promissora Nanazinha. Ainda há pouco, ao fechar o *Assommoir*, estava Zola a descrever-me o jantar da *blanchisseuse avec un tas d'amis ouvriers, polissons pleins de gaieté, de débarbouillements, de fripouilles emousseuses*. Farto de Zola, pulo para Michelet na sua visão da Índia primitiva; ele começa bem mas entusiasma-se a ponto de dar pinotes; e eu, assustado, fecho o livro – fecho a boca de Michelet. Vou então para Renan – o sereno evocador da verdade. Renan é água clara e filtrada. Descansa-me. Ainda ontem estive a explicar-me o *Eclesiaste*, esse tão amado livro

⁹ A família do Lino morava na rua Bráulio Gomes. Nota da edição de 1948.

do Jacinto Galião – e lá vi eu a fonte em que Nobre & Cia. bebem inspirações. Aquele: “e isto não será também vaidade?” é uma novidade velha como Matusalém. Hoje pedi uma conferência ao senhor Oliveira Martins, e nem bem começou ele: “O socialismo é a evolução...” alguém me chamou e lá deixei o homem latindo. Ontem o amigo Eça me enfiou a história dum frei Genebro, santo que se rebojava em estrume de boi para castigar a carne inocentíssima, e que apesar disso foi para o banho-maria do Purgatório. Um leitãozinho de três pernas (a quarta ele assara e comera) havia pesado mais na balança do Supremo Juiz do que todo o esterco do refocilamento. Eça está muito querido cá em casa; todos o “adoram”. A semana passada apareceu-nos um comediógrafo, José Piza, e durante três dias só lidamos com o Eça. Meu avô lê a *Cidade e as serras*, minha irmã lê a *Ilustre casa de Ramires*, eu leio suas histórias de santos – e como somos só três neste imenso casarão, não erro dizendo que a casa inteira lê o Eça.

E você? Conta-me tudo – os planos, as novas ideias, a influência do queijo em tua mentalidade. Lino entra em exame amanhã. Tito arrancou um plenamente em Filosofia e deixou o resto para março. Cândido extorquiu plenamente em todas as cadeiras. Do Ricardo e do Raul nada sei.

LOBATO

1904

TAUBATÉ, 4 DE BRUNO DE 1904¹.

Rangel:

Acabo de ler tua carta e dou parabéns pelo “bisbilho”. Ótimo! Vou adotar. Não está em nenhum dicionário. Sonoro e lindamente onomatopaico. Uma floresta vive cheia de bisbilhos.

Queres a minha opinião sobre a *Canaã* e a *Chácara*, e insistes nisso. *Canaã* é o que chamam uma “obra forte”, e “obra forte” quer dizer “obra fraca”. Não é paradoxo. As “obras fracas” no presente são as incompreendidas, ou de compreensão só possível no futuro. E as fortes são as que de tal modo satisfazem às exigências do presente que provocam estouros de entusiasmo – obras despóticas. Mas passam com a passagem dessas exigências. Acho a tese de *Canaã* muito atual: imigração, colonização, absorção etc. Quando tudo mudar, daqui a cem anos, quem vai interessar-se pelas ideias de Milkau e Lentz? Quem hoje lê os romances sobre a escravidão? Os argumentos da *Cabana do Pai Tomás* nos fazem sorrir – e eram tão fortes no tempo que deflagraram uma guerra. Os romances de Madame de Staël nos dão ideia de anquinhas, saia balão. *Canaã* será um

¹ Cada apelido dos membros do Cenáculo correspondia a um mês do ano. Bruno (de Cádiz), de Ricardo Gonçalves, era janeiro. Ver Primeira carta, p. 38. Nota da edição de 2010.

grande livro enquanto perdurarem os nossos problemas imigratórios; depois irá morrendo – e os futuros leitores pularão os pedaços de Lentz e Milkau. Já o *Brás Cubas* é eterno pois enquanto o mundo for mundo haverá Virgílias e Brases; mas Milkau é um metafísico de hoje, tem ideias de hoje e filosofa hoje; amanhã só será lido pelos futuros Melos Moraes.

Quanto à tua *Chácara*, está primorosa – mimosa, bem lapidada. Há umas coisinhas. Aquela “cabeça derrubada sobre o colo” me soa mal. Derrubar uma árvore, derrubar um trono; para a cabeça duma pobre velhinha fica melhor “pendida”. Na propriedade da expressão está a maior beleza; dizer “chuva” quando chove – “sol” quando soleja. É a porca que entra exata na rosca do parafuso.

“Balbucio adorável.” É preciso expulsar do teu vocabulário este adjetivo que o Macuco e a pandilha do Brás puseram a perder. O “adorável” está babado demais, gosmento. “*Doídas saudades*”: é um perigo este adjetivo; fatalmente o tipógrafo comporá “doidas” e o revisor deixará passar. “Espaços trêmulos de asas *rufantes*”: resto do nefelibata; coisa sonante, harmoniosa, mas *trop litteraire*. “O baque dos monjolos *percutia*”: acho o “percutir” muito de gatilho de arma, muito metálico; monjolo é pau e um pau que bate noutro não percuta, dá um choque balofo. O “sem-fim das colinas” está magnífico. É teu? Quanto ao fecho (a pergunta final), não compreendo bem a sua razão de ser. Tudo mais, ótimo.

Sapho de Daudet, tenho. Mais alguns Maupassants, aceito. Dos romances só li *Bel ami* e *Notre coeur*. Há outros? Pierre Loti é uma besta. Afeta simplicidade. Em água assim rasa, só temos guarus e sapinhos rabudos. Mas nas profundidades dum Dostoiévski há todos os peixes – pesadelos do mar – e até aquela serpente marinha de Kipling, que não existe.

Recebi os retratos e o desenho. Cultive. Pegue no lápis e desenhe do natural. Nada de cópias. Croquis só.

Li 1.500 páginas de Lamartine e estou saturado. Mais tarde te contarei a minha doença: *delirium legens*, espécie de *delirium tremens* dos bêbados. Leio tanto, que quando vou para a cama meu cérebro continua a ler maquinalmente.

Tenho muitas novidades. Quando tua provisão aí escassear, dá o brado. Tenho um Renan inteiro – e que homem! Que estilo de fonte!

Comecei, no *Minarete*, *Memórias dum velho*. Imagino-me velho e de retorno da Europa, e conto o estado em que encontrei todos os amigos.

LOBATO

* * *

SÃO PAULO, 10 DE JANEIRO DE 1904.

Rangel:

Tua carta é um atestado da tua doença: literatura errada. Julgas que para ser um homem de letras vitorioso faz-se mister uma obsessão constante, uma consciente martelação na mesma ideia – e a mim a coisa me parece diferente. Tenho que o bom é que as aquisições sejam inconscientes, num processo de sedimentação geológica. Qualquer coisa que cresça por si, como a árvore, apenas arrastada por aquilo que Aristóteles chamava enteléquia – e que em você é o rangelismo e em mim o lobatismo. Deixa-te em paz, homem, não tortures assim o teu pobre cérebro. Andas a fazer com ele como os comilões ininteligentes que comem até adoecerem. Esqueça que há literaturas no mundo e viva aí uma vida bem natural. Ande muito a pé ou a cavalo, converse com toda gente, coma bem, namore caboclinhas nas estradas, vá aos serões do senhor Cura, arrote – e quando dormir, ronque. Verás que boa é a vida sem literatura. E também verás como fica boa a literatura quando o corpo está contente.

Já notei que esses constantes e permanentes contatos com as Grandes Ideias e os Grandes Prestígios operam do mesmo modo que aqueles inúmeros “confortos” do Jacinto Galião das *Cidades e as serras*. Enfaram, esmagam. Pensamos que aquilo saiu da cabeça dos autores como Minerva da cabeça de Júpiter e achamo-nos inferiores, com grande dor do nosso amor-próprio. E, perturbado, com os olhos tontos pela doença, chegas até a ver em mim *algo nuevo*, quando na realidade o que há é um pouco da coisa saborosa que o Sieur de Montaigne inventou (literalmente): bom-senso, *horse sense*, como dizem os ingleses

– senso de cavalo. O Bom-Senso é a filosofia da justa medida, do ver claro, do enxergar até de noite, como os cavalos.

Perguntas quantas horas “literatizo”. Nem uma, meu caro, porque só leio o que me agrada e só quando estou com apetite. Não troco uma conversa com uma macaquinha (o sexo na mulher corrige a banalidade, no homem agrava-a, diz Machado) pela melhor tragédia de Eurípedes, porque por mais banal que seja a moça é sempre mais humana que um livro – e o humano quer o humano. Ler e comer, só quando há apetite; fora daí é uma insuportável *corvée*. Também não escrevo por obrigação. Escrevo quando os dedos comicham – ou quando o Benjamim me *força* a escrever. Neste caso é o meio de ver-me livre do Benjamim. Não tenho horas prediletas – minhas horas são as que coincidem com a disposição. Há horas em que nos sentimos extraordinariamente aptos para pensar e tudo nos vem fácil e claro. Outras há em que estamos imaginosos, todos cheios de casulos a picarem, como ovo na hora de sair o pinto. Queira você tirar o pinto antes do tempo – o pinto morre. Estômago e cérebro: duas respeitabilidades. Respeitemo-las, Rangel.

Estou de viagem para Taubaté, onde vou ganhar dinheiro e juntá-lo para o sonhado *tour du monde*. Podias te mudar para lá e organizaríamos o truste da advocacia no norte de São Paulo. O Benjamim seria o nosso representante em Pinda e o Pereira de Matos em Caçapava. *Sare*, homem! estás malíssimo de ingurgitamento literário. Vomite o Flaubert.

LOBATO

P.S. Ontem, no Largo do Rosário, classificamos a Cainçalha (não é mais o Cenáculo). Ricardo: Cão Lírico que ladra à lua; Tito: Cão Rafeiro, ou como propôs o Raul, Cachorro, só, sem mais nada; Lobato: Buldogue; Edgar: Cão de Fila; Raul: cachorrinho de estimação ou cãozinho de colo; Cândido: Cão de Raça; Rangel: Cachorro de caipira; Lino: Cachorro que late e não morde; Tito Franco: Perro Imundo; Nogueira: Podengo de Clérigo; Júlio Costa: Cachorro Ensinado; Albino: o Cunegundes. Lembra-te o Cunegundes, aquele vira-lata que vivia pelos cafés e restaurantes, um velho cachorro à toa, sem dono?

LOBATO

TAUBATÉ, 20 DE JANEIRO DE 1904.

Rangel:

Tua carta veio como aragem. Eu estava com saudades dum voo e aqui não há asas – só se discutem coronéis políticos e namoros. E eu estava cansado, esmagado pela genial estopada do maçante Zola no *Travail*; andava descontente comigo mesmo, com as minhas ideias, com estes miolos que quanto mais aprendem menos sabem, e a pensar na morte – todo ódios e invejas. Tua carta foi um sopro em queimadura. Vou responder longamente, porque enquanto escrevo as ideias-morcego não me perseguem; e vou dar largas ao meu magisterdixismo. Bem que eu procuro humilhar essa feição do meu espírito. Ela teima. Mas acho que hoje amarrei o magister na argola do canil.

Meu Soriano de Sousa está em São Paulo, no fundo dum caixão, ou dum dos meus caixões, o que é pior; impossível te servir. De Daudet só tenho aqui *Nababo*, *Tartarin*, *Jack e Sapho*. E as cartas do moinho. E tenho ainda algum Machado de Assis, algum Eça, Herculano e... os *Dez contos* do Goulart. O Goulart é o meu Montaigne – o livro de cabeceira. Ali aprendo como não se deve escrever. A biblioteca de meu avô é ótima, tremendamente histórica e científica. Merecia uma redoma. Imagina que nela existem o *Zend-Avesta*, o *Mahabarata* e as obras sobre o Egito de Champollion, Maspero e Breasted; e o Larousse grande; e o Cantù grande; e o Élysée Reclus grande; e inúmeras preciosidades nacionais, como a coleção inteira da *Revista Ilustrada* do Ângelo Agostini, a do *Novo Mundo* de J. C. Rodrigues e mais coisas assim. Há uma coleção do *Journal des Voyages* que foi o meu encanto em menino. Cada vez que naquele tempo me pilhava na biblioteca do meu avô, abria um daqueles volumes e me deslumbrava. Coisas horríveis, mas muito bem desenhadas – do tempo da gravura em madeira. Cenas de índios *sioux* escalpando colonos. E negros achantis de compridas lanças, avançando contra o inimigo numa gritaria. Eu ouvia os gritos... E coisas horrorosas da Índia. Viúvas na fogueira. Elefantes esmagando sob as patas a cabeça de condenados. E tigres agarrados à tromba de elefantes. E índios da Terra do Fogo, horríveis, a comerem

lagartixas vivas. E eu via a lagartixa bulir... E tragédias do centro da Ásia e lá das Guianas. O rio Orinoco me impressionava muito. Eram os romances de aventuras de Gustave Aimard e Mayne Reid. Certa vez encontrei naquela biblioteca um álbum de fotografias que me tumultuaram o sangue: só mulheres nuas!... Mas não eram mulheres nuas, Rangel: eram nus do Salon. Eu não sabia distinguir. Também encontrei lá todas as obras de Spencer. Essa biblioteca, pela maior parte, fora dum filho de meu avô que depois de formar-se em São Paulo deu de correr mundo, andou pelo Egito e outros países históricos, apanhou febre na campanha romana e morreu num hotel de Nápoles. Secretário de legação. Sua bagagem veio para Taubaté, com os mais preciosos e curiosos livros comprados aqui e ali.

Obrigado pelo *Mont Oriol. Pierre et Jean* já li. *Toine*, não. Escreveste à margem: “Sigo para São Paulo a 2 de Raul”. Que mês é Raul?

E agora, um puxão de orelhas: por que usas etiqueta comigo? Tuas cartas vivem cheias de “faça o favor”, “se não for incômodo”, e mais fórmulas da humana hipocrisia. São tropeços. Quando te leio, vou dando topadas nisso. Faça como eu. Seja bruto, chucro, enxuto.

Tuas cartas me são um estimulante; obrigam-me a pensar, abrem-me perspectivas. Mas estás um homem cheio de vícios mentais e cacoetes. O pior é a mania (que acho irônica) de te rebaixares e me pores nas nuvens (como o Rei dos Judeus), quando na realidade não passamos, os dois, de duas “sedes de saber”, de duas “fomes de expressão” em tudo equivalentes. Que graça, botar a minha sede acima da tua! Sede é sede. Outro vício teu é a tal modéstia. Parece que você faz da modéstia palanque donde melhor regalar-se com a vaidade humana. Seja todo portas e janelas abertas, homem!

Queres mais impressões sobre *Canaã* (note que não digo “minha humilde opinião”, “meu fraco parecer”. Para quê?). Li *Canaã* num exemplar do *Cândido*, faz tempo, e achei um livro forte, sadio, certo – e com excelentes paisagens. Na pintura de cenas Graça Aranha é criador. Tudo vive. Na cena do teodolito, ao lado do magistral desenho do caráter de Felicíssimo – que é a vasta classe dos mulatos pernósticos – há na boca do alemão um “Estes mulatos!...” que pega muita gente. Outra cena que me ficou:

a do caçador morto no ranchinho, rodeado dos cães amigos que lhe defendem o corpo contra a invasão dos *padres*. Originalíssima e com uns toques épicos. Suas descrições de florestas fazem-me sentir um mormaço e um cheiro de folhas e musgos molhados. Não é mais a mata descrita pelas receitas de Chateaubriand. É mata, mato de verdade. Os escuros dos verdes, os úmidos, os fofos, a calma dos troncos, a paciência de tudo, a paulama, a cipoeira, os farfalhos – todo o “jogo de futebol parado” da botânica. Equivale a Antônio Parreiras – o nosso único pintor que pinta matas certas.

A nossa justiça está ali “escarrada”; posso dar outros nomes a todos aqueles tipos forenses.

O livro conduz duas coisas paralelas, uma realista, outra simbólica. Milkau e Lentz são dois *revenants* do tempo de Byron vestidos à moderna, que passam pelo romance como nuvens, filosofando ao modo de Goethe no *Wilhelm Meister*, defendendo ideias polares – mas ligados pela mesma superioridade mental; Milkau simboliza a boa Alemanha contemplativa e musical, e Lentz simboliza a Alemanha perigosa que eu tenho medo surja de Nietzsche. São os Froments dos “Evangelhos” de Zola. Embaixo desse nevoeiro de filosofia, a boiar mansamente por toda a obra, vemos a vida brasileira sem nenhuma deformação patriótica, com todas as suas chinfrinices – e personagens apequenados pelo contraste com a violentíssima natureza tropical.

Acho Graça Aranha novo. Abre caminho para o artista-filósofo, o artista de cultura moderna que há de substituir os meros naturalistas descritivistas à Zola (mas sem o gênio esmagador de Zola). Zola me lembra o martelo-pilão das fábricas de ferro; os seus imitadores são martelos de quebrar coquinhos. O naturalismo foi uma reação violenta contra os exageros do romantismo. Mas o naturalismo passou da conta e por sua vez está provocando reações. O naturalismo acabou em fotografia colorida. O adjetivo de que o Macuco mais gosta deve ser o “nítido”, e não há cretino que ao dar opinião sobre *qualquer* pintura (a *Gioconda* ou um Corot) não venha com o clássico: “Como está nítida!”. Pois foi isso. O naturalismo morreu no nítido fotográfico.

Graça Aranha é um artista e um sociólogo; este passará mas aquele fica; os sociólogos lidam com problemas passageiros; só os artistas lidam com coisas eternas.

Se gosto de Stendhal? Imenso. Amigo velho na história da pintura, nas viagens, nas “promenades” em Roma, no *Le rouge et le noir* (um assombro!), na *Chartreuse de Parme*. A descrição que Stendhal faz da batalha de Waterloo é a maior das maravilhas. O herói não viu nada, só viu a si mesmo e aos companheiros mais próximos, e as cercas que andou pulando na fuga. Mais tarde é que veio a saber que aquilo fora a famosa batalha de Waterloo. No *Le rouge et le noir* o vermelho é o espírito napoleônico e o preto é o padre – a Reação. Stendhal tem relâmpagos; é sempre original, quase sempre sincero e poucas vezes atraente (à moda dos “fáceis”). Gênio.

Estou agora em Shakespeare, a *Tempestade* e Oliveira Martins, *Teoria do socialismo*.

De Goethe só tenho o *Fausto* na tradução de Gerard de Nerval, o *Wilhelm Meister* – e as conversas com Erckmann.

Ando com ideia de traduzir o *Príncipe* de Maquiavel. Nossos tempos são corruptos, sem estilo e sem filosofia. Com o Maquiavel bem difundido, teríamos um tratado de xadrez para uso destes reles amadores.

Chega. Não tenho tido notícias de ninguém do Cenáculo.

LOBATO

* * *

TAUBATÉ, 5 DE FEVEREIRO DE 1904.

Rangel:

Salve! Aplaudo com viva satisfação tua ideia de zéfermandear jacinticamente na doce paz desses vinhedos de Caldas, entre bons queijos e tijelões de leite gordo, a respirar o cheiro dos capins-melados e a morrinha do senhor Cura. Mas não te desleixes do Horácio e do Virgílio das *Bucólicas* para irrigação das flores do espírito nas noites calmas, depois de jantares bem arrotados. Que concilies sabiamente a dupla cultura do cérebro e do estômago. Sei que andas firmado em bons princípios, embora a alguns eu possa opor opiniões em contrário, como à tua ideia do mal de vinho e leite juntos no estômago,

“porque vira queijo”. Que importa que o queijo entre feito ou seja feito lá dentro? Um velho curandeiro instruiu-me nestas ciências. Quanto à “quentura do abacaxi”, diz ele que os organismos variam, e o que é equador para um pode ser polo para outro. E documentou o asserto com o pão, que é quente para o forneiro e fresco para o freguês. No mais, de pleno acordo. E que tal o *Tratado das couves*? Vou mandar-te uma assinatura do *Boletim da Agricultura*, que é de graça e ensina coisas substanciais.

Esta carta, Rangel, está sendo interferida por um *psiu...*

Aquele *Um literato* que saiu no *Minarete* está bom; não digo ótimo, mas bom.

Onde anda o Nogueira?

Impossível, Rangel. A interferência continua. Adeus.

LOBATO

* * *

SÃO PAULO, 2 DE JUNHO DE 1904.

Mas, Rangel amigo,

você se complica demasiadamente.

A primeira página da tua carta parece um fragmento do *Assim falou Zaratustra* do meu Nietzsche.

– ?

– Chegou, sim. Chegou-me o Nietzsche em dez preciosas brochuras amarelas, tradução de Henri Albert. Nietzsche é um pólen. O que ele diz cai sobre os nossos estames e põe em movimento todas as ideias-germens que nos vão vindo e nunca adquirem forma. “Eu sou um homem-toupeira que cavo subterraneamente as veneráveis raízes das mais sólidas *verdades absolutas*.” E é. Rói o miolo das árvores – e deixa que elas caiam por si. Possui um estilo maravilhoso, cheio de invenções e liberdades. Para bem entendê-lo temos de nos ambientar nessa linguagem nova.

Nietzsche me desenvolveu um velho feto de ideia. Veja se entende. O aperfeiçoamento intelectual, que na aparência é

um fenômeno de agregação consciente, é no fundo o contrário disso: é desagregação inconsciente. Um homem aperfeiçoa-se *descascando-se* das milenárias gafeiras que a tradição lhe foi acumulando n'alma. O homem aperfeiçoado é um homem descascado, ou que se despe (daí o horror que causam os grandes homens – os loucos – as exceções: é que eles se apresentam às massas em trajas menores, como Galileu, ou nus, como Byron, isto é, despidos das ideias universalmente aceitas como *verdadeiras* numa época). “Desagregação inconsciente”, eu disse, porque é inconscientemente que vamos, no decurso de nossa vida, adquirindo, ou, antes, colhendo as coisas novas – ideias e sensações – que o estudo ou a observação nos deparam. Essas observações, caindo-nos n'alma, lavam-na, raspam-na da camada de preconceitos e absurdos que a envolvem – a camada de antinaturalismos, enfim.

É assim, meu Rangel, que eu explico o fenômeno da *inconfundibilidade* dos grandes artistas, e o fenômeno da pasmosa confundibilidade da caravana imensa dos Goularts e Macucos. E foi assim que cheguei à minha ideia do aperfeiçoamento humano, a *conscientização do inconsciente*, na qual *medito*. Penso nela como Newton – só isso. Senti a maçã cair e penso no que a fez cair.

Perdoa-me o pedantismo ou imodéstia deste discurso. Mas estou pai presuntivo dessa ideia – e que não faz um pai com o primeiro filho? Ainda não ataquei os meus novos Nietzsches porque é coisa que requer silêncio e concentração e este São Paulo, com seus italianos que anunciam coisas *friescas*, mais os bondes e os autos, anda um horror de barulho. Felizmente as férias estão chegando, e naquele plácido remanso de Taubaté posso dar um mergulho de todo um mês no meu filósofo.

Que crueldade a tua, Rangel, com essa mania de explorar o meu magisterdixismo! Queres agora que eu diga de Byron... Que diga o que penso... Byron era um como nós, Rangel, mais bonito, aristocrata, com muito dinheiro e coxo. Revoltou-se contra o *temple enseveli* que todos temos dentro de nós (Maeterlinck). E como fosse poeta, pôs a revolta em versos. Taine estuda-o lindamente na *História da literatura inglesa*, que tenho aqui. Queres? O mais especial de Byron, para nós, foi a sedução que exerceu nos nossos revoltados

poéticos daquele tempo. Todos byronizaram. Era a moda. Como depois todos hugoaram, quando a moda virou Hugo. “Talhado para grandezas, para criar, crescer, subir...” Depois parnasianamos com Raimundo e Alberto. E zolaizamos com Aluísio etc. Chega.

Sabes que o Nogueira reapareceu? Mas está outro. Está *ex*. Corado, gordo, sem a cartolinha verde em cima da cabeça e sem o Volney por dentro. Veste-se à positivista. Mas o templo incendiado ainda fume e há brasas sob os escombros. Às vezes deita uma chama – mas é fogo-fátuo. Ontem o vi presenciando a demolição da igreja do Rosário. Que quadro! Eram dois demolidos um diante de outro – a velha igreja e o Nogueira. Olhavam-se com ternura e entendiam-se.

A propósito dessa igreja disse o *Diário Popular*: “Quem sabe se não é o som dos sinos o que vai depois transformar-se em canto de ave, murmúrio de águas, cicios de brisas etc.” Aquelas corruílas do Belenzinho talvez fossem ex-sons, Rangel.

Ricardo, o nosso maravilhoso Ricardo, descamba como um sol. Se continua a viver, é capaz de acabar Cadete ou Joanito – tocador de modinhas. Foi reprovado em exame de Geometria e *eufemizou*, dizendo que se havia levantado. Não demonstre que sabe da sua bomba; finja, como nós, que acredita no levantamento. Ricardo é sensível como todo um pé de sensitiva. Este mundo não serve para ele, este nosso mundinho idiota. Quer que Ricardo, uma árvore de imagens e sensibilidades ultra-humanas, saiba o quadrado da hipotenusa e outras indecências! Todos nós, Lino, Albino e Tito, andamos agora rebelados contra o socialismo e a atacar com os mais sórdidos argumentos o maravilhoso socialismo-sentimento do Ricardo – e ele, em vez de refutar-nos, sofre, vê nisso hipotenusas atacando um perfume. A mim o que me está fazendo vacilar nas velhas ideias é um livro de Le Bon: *Psicologia do socialismo*.

Albino filosofa com a superior intuição de Hegel. Acho-o uma cabecinha de ouro – mas sério demais para a nossa roda. Lino, depois da reprovação, parece que assentou; estuda e trabalha. Foi bomba que em vez de destruir construiu. Tito irradiava felicidade. Atingiu o ideal supremo: virou o Cabo Eleitoral, o general Glicério da Academia. Catequizou duas turmas de

calouros e impera, papisa infalivelmente, sempre a bambolear o corpanzil como marinheiro recém-desembarcado. O João Ramos continua trabalhando naquele seu terrível serviço de procurar emprego. Planeja agora uma ida ao Acre, donde voltará derramando dinheiro pelo caminho, como lata furada. Artur jura que o Ricardo é um gênio e ai de quem duvide! O prolixo Breves, sempre atento na Pátria; ontem me disse que vai “compor um pequeno artigo de interesse geral em que aventará a ideia, bastante evidente aliás, de, como medida preventiva de futuras incursões bolivianas, promover-se a colonização do Acre com elementos étnicos brasileiros, quais sejam (para frisar a ideia com um exemplo) o sempre infeliz e vitimado elemento cearense, que como a experiência de longos anos cabalmente o comprova etc. etc.”.

Tenho lido o teu *Guarujá* e nada digo, porque dizer algo é elogiar e elogiar é estragar. Quanto à *Ave-Maria*, perfeita. Todos aqui fomos unânimes no adjetivo, inclusive o Edgard Jordão. Já combinamos o nosso encontro contigo daqui anos: nas galerias da Academia de Letras por ocasião da tua posse. Tens de te precaver é contra os desequilíbrios à Ricardo. Essa instabilidade conduz ao tombo. Repare no maravilhoso equilíbrio de Olavo Bilac. E veja o calmo Zola, o calmo Goethe, o calmo Machado de Assis, o calmo Daudet. Ando com ideia de que os tais desequilíbrios amalucados, a tal boemia à *outrance*, é falta de confiança em si próprio e preparo de escusas para o fracasso. “Coitado! Seria o maior prodígio do século, se não fosse o álcool, se não fosse a desordem etc.” E quanto a programa, Rangel, só conheço um que te sirva: rangelizar-te sempre e cada vez mais. Escreve em tua porta isto da *Gaya scienza* de Nietzsche:

VADEMECUM – VADETECUM

*Mon allure et mon langage t'attirent,
Tu viens sur mes pas, tu veux me suivre?
Suis-toi toi même fidèlement
Et tu me suivras, moi! Tout doux! Tout doux!*

Estou prestes a fechar o meu curso. Entro na “vida prática” em dezembro e creio que realizarei o meu sonho: ser fazendeiro. A minha vida ideal (isto é, de ideias) está a pingar o ponto final. Vou morrer – vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milho e porcos, e te dê receita para acabar com o piolho das galinhas.

Está um frio de fim de vida. Meus dedos enregelam-se. Vou sair, andar, tomar sol. Adeus.

LOBATO

* * *

SÃO PAULO, 16 DE JUNHO DE 1904.

Rangel:

Saíram daqui há minutos o Ricardo, o Albino e o Lino. Desde o meio-dia, uma interminável conversa por entre números d’*O Combatente* e xícaras de café. Sete horas de parolagem. Foste lido e vivamente discutido. Uns põe-te logo abaixo de Machado de Assis; outros arrumam-te em cima dele e achatam-no. Houve berreiros. Albino afirmou sob palavra de honra que ninguém escreve com a tua “propriedade”. Ricardo jurou que tens o segredo do termo insubstituível. Eu pus o *De São Paulo ao Guarujá* ao lado das excursões de Maupassant – ao lado direito! Todos fanatizados por você – e eu com medo que isso te perca. Estás sendo vítima duma *gavage* de elogios – como em Estrasburgo fazem com os gansos do *foie-gras*. Cumpre que resistas sereno, impassível, superior.

A tua operosidade contagiou o Ricardo, que anda a trabalhar num poema – *O Minarete*. Albino amigou-se com a metafísica alemã. Nogueira, no fundo do Brás, arranca do crânio as primeiras faíscas da “Positividade Hindu”. Tito gesticula dia e noite: é ensaio para o grande discurso do dia 18. Eu matuto naquela lei da “Conscientização do Inconsciente”. Em suma: o Cenáculo renasce, tímido de esperanças, apoplético de cora-

gens. Uma ânsia de caminhar! Incubar é o grande lema. O “Trabalhai, mancebos”, de Zola. E todos viramos formiguinhas.

Tentei arrancar de mim o carnegão da literatura. Impossível. Só consegui uma coisa: adiar para depois dos 30 o meu aparecimento. Literatura é cachaça. Vicia. A gente começa com um cálice e acaba pau-d’água de cadeia.

Aqui até o dia 20; de 20 a 1º, em Taubaté.

LOBATO

* * *

SÃO PAULO, 11 DE JULHO DE 1904.

Rangel:

Quanta atribulação, meu caro!

Tua última chegou no momento em que eu partia para Taubaté, na folga do mês de greve que nos deu esta nossa inefável academia. Fui com planos de responder de lá – mas sobrevieram atribulações. Andei léguas a cavalo, lá pelos sertões do Buquira, e cheguei até as raias de Minas. Voltei para Taubaté derreado, bambô. Tive lá o Cândido uma noite por vinte minutos, elegante, raro, com projetos de três meses em França. E cá estou de novo em São Paulo – mas ainda atribulado. Mudei-me para um quarto de frente na rua Araújo 26, com um lampião de rua bem junto à minha janela. Tenho luz de graça. E defronte há uma vizinha janeleira que já piscou. Em vez de namorá-la, meti-me pelo futebol – Palmeiras. Joguei vários dias seguidos e fiquei mais derreado que com as léguas do sertão. Estou cheio de pisaduras e dodóis.

Isto deve ser o que na *Vida intensa* o Theodore Roosevelt quer. O futebol empolgou-me de alma e corpo; escrevo crônicas de futebol e jogo. Diz o Tito que é mania – e diz-lhe o Raul: “*Jacques, tu es un âne*”. Seja como for, asseguro-te que o futebol apaixonou e contunde.

Ricardo viveu duas semanas de sonhos com *O corvo*. O mesmo *Gato* de outrora com mudança de nome apenas.

E com o mesmo calor com que miávamos o *Gato* em nossa mesinha do Café Guarany, passamos a crocitar o *Corvo*. O Breves andava querendo reviver *O Combatente* e Ricardo propôs-lhe que mudasse o nome para *O Corvo*. Breves devia ter amarelado por dentro, mas de medo não contrariou. Concordou e foi preparar a traição. Ricardo precisava dum *Corvo* para demolir um poeta Simões Pinto que de vez em quando espicha um sonetinho aqui e ali. O primeiro voo estava marcado para o dia 1º; na mesinha sabíamos de cor todas as maravilhas do número. Havia até um artigo de Mário Corvo, aquele corvo legítimo de Minas. Pois no melhor da história o Breves acovarda-se e foge – desiste de lançar o jornaleco! Grande fúria do Ricardo. Bufos. Raul suspira. Albino dá de ombros.

O caso do *Minarete* foi uma sorte grande nossa, Rangel. Não se repete. Não há dois Benjamins no mundo e nunca haverá outro diretor de jornal tão passivo como aquele. Eu era para ele um dogma. Era eu dizer e era ele executar. Ficou de tal modo submisso, logo no começo do nosso curso naquela república da Alameda dos Andradas, que até seus namoros eram conduzidos por mim. Benjamim recebia as cartas da namorada em Pinda e eu preparava as respostas. Certa vez ia ele saindo para a aula quando o carteiro chegou. Havia carta de namoro. E Benjamim entregou-me a carta fechada: “Estou sem tempo, Lobato. Leia e responda”. E eu conduzi tão bem esse amor, fiz cartas tão progressivamente amorosas, que quando chegaram as férias e ele se foi, eu disse cá comigo: “Encontram-se e casam-se galopantemente”. Mas saiu o contrário. No ano seguinte, quando terminadas as férias o Benjamim voltou, a primeira carta que do namoro recebeu foi de rompimento. Dizia na essência isto: “Tudo está terminado entre nós. Alguma outra mulher anda metida no meio. Você não é o mesmo das cartas, Benjamim. Em vez do ardor que eu esperava, só encontrei um gelo...”.

Bom, a cama está a chamar este corpo contuso. Adeus.

LOBATO

Rangel:

Antes de mais nada, resposta às perguntinhas. 1) Bilhetes de loteria comprei três em tua intenção, todos alvos como a neve. 2) O artigo d'O *Combatente* é do Tito Franco, um apêndice do Cenáculo, um chato, atarracado, sem pescoço e fedorento, mas prodigiosamente culto e inteligente. Será um perigo para as instituições no dia em que tomar o primeiro banho. 3) O artigo de João Chagas vem n'O *País*.

O meu romance é a coisa mais complicada do mundo. Começa com duas gravidezes na mesma casa: a da mulher do fazendeiro, da qual sairá Cristina, e a duma preta cozinheira, da qual sairá Bocatorra. A linha sismográfica das sensações (considero o romance uma coordenada de sensações) pode ser traçada assim: (falta pedaço).

Rangel: há muito que quero insistir em Nietzsche, e dele te mando um volume que lerás e devolverás, e então mandarei outro. Não há Nietzsches nas livrarias desta Zululândia. Estes me vieram de França. Considero Nietzsche o maior gênio da filosofia moderna – e o que vai exercer maior influência. É o homem “objetivo”. O homem *impessoal*, destacado de si e do mundo. Um ponto fixo acima da humanidade. O nosso primeiro ponto de referência. Nietzsche está *au delà du bien et du mal*, trepado num topo donde tudo vê nos conjuntos, e onde a perspectiva não é a nossa perspectivazinha horizontal.

Dum banho em Nietzsche saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. Da obra de Spencer saímos spencerianos; da de Kant saímos kantistas; da de Comte saímos comtistas – da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos. O meio de segui-lo é seguir-nos. “Queres seguir-me? Segue-te!” Quem já disse coisa maior? Nietzsche é potassa cáustica. Tira todas as gafeiras.

E que estilo, Rangel! Aprendi nele mais que em todos os nossos franceses. É o estilo cabrito, que pula em vez de caminhar. O estilo de Flaubert é estilo de tatorana: vai indo até o fim. O de Nietzsche nunca se arrasta, voa de pulo em pulo – e chispa relâmpagos, e chia, urra, insulta. É a mais prodigiosa irregularidade artística. Quando leio Nietzsche sinto ódio contra Flaubert o Impecável. Nietzsche é o Grande Pecador.

No começo você estranhará por que ele é ele, excessivamente ele e até joga com uma porção de palavras a que dá sentidos especiais – e daí tanto grifo no texto. Eu acho que Nietzsche te vai curar de todas as doenças do intelecto que acaso tenhas e das que possas vir a ter. A chave de Nietzsche você a tem no aforismo 178 onde ele inconscientemente se retrata como um “semeador de horizontes” – e é. E no *Assim falou Zaratustra* ele se define assim (definindo um personagem ideal): “*J'aime tous ceux qui sont comme de lourdes gouttes qui tombent une à une du sombre nuage suspendu sur les hommes: elles annoncent l'éclair qui vient, et disparaissent en visionnaires*”. Ele é isso. Corre na frente com o facho, a espantar todos os morcegos e corujas e a semear horizontes. É o abismo verlainiano da filosofia do Futuro Próximo. Se não me entendes, demite-te do cargo de meu amigo número 1. Nietzsche *anunciou* e afogou-se numa dolorosa loucura, que sua irmã conta num livro. Fico impaciente pelas tuas reações químicas em face dessa Catálise feita homem. Se não vierem como as quero, merecerás a Presidência de Minas, ao lado do Francisco Sales e do Bressane.

LOBATO

P.S. Mais uma vez insisto em que acabes com as delicadezas e rodeios. Tuas “fórmulas” já me enjoam. Amabilidades são coisas de caixeiro de loja. Olhe que eu e você, na sincera opinião de Ricardo, somos as grandes esperanças do Cenáculo – e Ricardo, como vate que é, vaticina. Temos de não nos enganar com adjetivos.

L.

Rangel:

Já te deve estar assustando a minha negra ingratição: quase um mês sem carta! É que me vieram atribulações. Mudanças de casa, uma ida ao Rio e outra a São Vicente com o Lino; e por cima disso tudo uma espessa nuvem de desânimo e horror à pena. Mas o sal marinho restituiu-me o equilíbrio e pus-me a escrever a todos os amigos.

Muito nos lembramos de você lá em Santos, e verificamos o bom descritivo da tua viagem ao Guarujá. Os buracos de caranguejos na lama preta do mangue, o homem do escarro no trem, a barca. O meu plano era ir a Guarujá a pé, como fizeste, mas o Lino e o Sancho Pança que há em mim não concordaram. Minha irmã mostrou-me hoje o teu "postal". É a mania de agora. Há quem deite no correio vinte, trinta "postais" por dia, com "pensamentos". Circulam muitos retratos de Lina Cavallieri, da Bela Otero e da Cléo de Mérode, amante do rei Leopoldo da Bélgica, um insigne tranca realengo.

O mundo está se amaricando, Rangel. Até o Tito – tradicionalmente sensato – afundou no "postal" da politicagem acadêmica e nos enche os ouvidos com histórias: "Porque o Vergueiro...", "Porque o Bias Bueno...". Totalmente obcecado pela política e pela palavra "marmel". Tito só vê hoje no mundo marnéis – e pauis, charcos, lodo, lama, atascais, sentinas, cloacas, chafurdeiros e até em sonhos atola-se em tudo isso. Veja no *Minarete* os artigos de Martinho Dias, que é o Tito literário.

E o Lino anda obcecado pelo Euclides da Cunha. Durante toda a nossa estada em Santos só me deu Euclides – a mim que só queria siris e água salgada. Determinou esse estado d'alma um ditirambo sobre o acadêmico saído no *XI de Agosto*.

E por falar: esse jornal abriu um concurso de contos. Vim a saber disso tarde, sem tempo de te avisar. Concorri. Os juízes são um Sívio de Almeida e um Amadeu Amaral. Se me derem

o prêmio, suprimirei o "um" a ambos; em caso contrário, passarão a ser "um tal" Amadeu, um tal Sívio.

Ricardo traduziu o primeiro ato do *Cyrano de Bergerac*. Bateu o Rostand longe. Ah, se ele leva a obra até o fim!... Mas não creio. Ricardo não tem fôlego. Acho-o bem melhor dos nervos agora. Mais ordeiro, mais reconciliado com a vida. Já deixou aquela república da rua General Osório, onde morava com o Raul, o Tito e outro. Que república, meu Deus! Ricardo entrava de madrugada e metia o pé na porta. Mais simples arrombá-la do que tirar a chave do bolso. E o Edgar Jordão fez o mesmo, uma noite em que apareceu por lá "acompanhado" apesar de não ser cidadão dali. Por fim dormiu lá uma noite o Tito Franco, e disso veio a derrocada final da já vacilante república. Tito Franco é essencialmente porco, como o Brasil é essencialmente agrícola. Tresanda como toda uma tribo de hotentotes. O último banho que tomou foi às mãos da parteira. É um tipo chato, atarracado, sem pescoço, inteligentíssimo, mas com idiossincrasia pela água. Levou a sujeira ao épico. É o Carlos Magno da gafeira. Uma só vez dormiu lá, mas foi o suficiente para impregnar a república de tal cheiro que o remédio foi entregarem as chaves à Saúde Pública. Dizem que nessa noite o outro Tito, o nosso, passou acordado até a madrugada, preparando o discurso para a sessão do clube XI de Agosto. E que passeava de lá para cá, de tiras em punho, com paradas diante do intruso semibêbado espapaçado no chão: "É preciso tomar banho, Tito Franco!". E este: "Boa piada! Boa piada!".

O Nogueira progride, assenta as ideias, descasca-se, começa a aceitar a civilização e o positivismo; já encostou a metafísica e agora filosofa com Spencer. Mais uns meses, e está mandando fazer roupas no Carnicelli. O Raul continua Mário a chorar sobre as ruínas de Cartago. A Cartago do Raul é o Cenáculo.

Vou mandar *Roman brésilien*, de Adrien Delpech. Bem bom.

LOBATO

SÃO PAULO, 30 DE SETEMBRO DE 1904.

Rangel:

Impossível escrever hoje. Esta pena está de fato enferrujada porque anda muito sem uso. Não me compreendo. Há tinta, há papel, há vontade de escrever – e a pena enferruja porque a vontade não tem pernas. Está *cul-de-jatte*. Tenho duas cartas do Cândido a responder e nada me sai. Tenho milhões de coisas a te contar – coisas do Raul, do Nogueira, do Lino, e tudo vai ficando para quando vieres. Tua última carta martelava longamente sobre a tua paixão, mas só me consegui provar uma coisa: que não amas. Isso é literatura, Rangel, não é amor. Quem ama não é derramado assim. E depois, nesse buraco de Minas, a quem hás de amar, Moura? Se aqui não aparece mulher que corrobore e vivifique, aqui que é São Paulo, que esperar dessas terras que só expluem queijos?

O *Combatente* tem trazido o teu *Guarujá*, e o Oscar Breves continua sempre “apurado” – e tremendamente prolixo.

“Adeus, meu anjo, meu eterno amor, meu galhinho de alecrim; lembra-te sempre daquela que no fundo desta cidade, noite e dia, o coração palpita por TI.” É assim que termina a carta de amor que recebi da vizinha fronteira.

LOBATO

* * *

SÃO PAULO, 27 DE OUTUBRO DE 1904.

Rangel:

Exames na janela! A chave pende no prego número 4 e eu com duas cadeiras vazias e sem coragem de enchê-las! E pretendo o grau 8! “É o cúmulo da presunção”, diria o Oscar Breves – homem inferior que só apanha o verniz das coisas. “É o cúmulo da confiança”, dirá você, homem superior que sabe descer ao fundo das psíquicas. E acertarás, meu grande, meu

arquiprecioso, meu divino Rangel! Seja como for, voltei hoje para meu quarto cheio de tremendíssimas intenções, disposto como nunca a empanurrar-me de ciência. Mas assim que abri o Paula Batista, o cão do vizinho à esquerda prorrompeu em uivos à lua que nem um poeta; os filhos do vizinho da direita vieram brincar sob a minha janela; e a filha dos vizinhos da casa fronteira veio à porta da rua para seu habitual dedo de namoro noturno. De modo que essas três irredutíveis instituições humanas – o vizinhato, o cão e o namorado noturno – interpuseram-se como uma trindade de aço entre mim e a ciência do Paula Batista, e com tal prepotência que me vi forçado a afastar o poço de sabedoria e matar o tempo com uma quarta instituição humana: conversar por escrito.

Não quer isto dizer que te escrevo apenas porque não posso estudar, dando-te uma posição de secundariedade. Há uma fina nuança escolástica no caso. *Distingo!* Mas não me aprofundo na matéria de medo de ter de recorrer a citações do Doutor Iluminado ou do Doutor Maravilhoso, ou do Doutor Seráfico. Evidentemente foi o Nogueira quem me instruiu sobre todos estes opiatos.

Rangel, Rangel! A tua personalidade periga. Andamos todos apreensivos. A velha Tarasca soluça e chora². Para mim tu estás noivo, homem infame! Para o Cândido, tu estás casado, homem secreto! (Na carta que recebi ontem me dizia ele: “Rangel casado, Lobato! Tudo perdido!” e vinha com umas tantas considerações da mais sã moral. Chegou até ao patético – ele, Cândido Negreiros!) Para o Ricardo, estás viúvo – já de luto aliviado. O Raul quer ser padrinho do teu filhote Barbarin de Minaron³, que o Tito jura ser parecidíssimo contigo – e o Lino move pauzinhos para que o pequeno seja batizado segundo o rito maçom. Eu, como de espírito mais prático, procuro obter do doutor Franco da Rocha um bom lugar para você no Juqueri. Decididamente estás louco ou em vertiginosa via disso. Tua última carta é um pródromo. Ideias de suicídio...

Mas, como ia dizendo, tu és um homem admirável. O teu talento é desses em que uma época se coa todinha para a Posterida-

² Alusão ao *Cenáculo*, aqui comparado ao monstro Tarasca, da cidadezinha de Tarascon, referido no *Tartarin de Tarascon*, de Daudet. Nota da edição de 1948.

³ Evidente alusão ao nome de *Tartarin de Tarascon* e ao de Bárbara, namorada do Rangel. Nota da edição de 1948.

de. Aqui nesta taba de nome Brasil etc. etc. A tua *Viagem de São Paulo ao Guarujá* dada n'O *Combatente* é uma dessas coisas que etc. etc. Rangel: falemos sério. Pelo amor de Bárbara escreva alguma coisa quanto antes. Ando sequioso por elogiar-te, por pagar a dívida de bombons que tenho para com você. Quero retribuir. Quero afogar-te em mel. Tenho uma pipa de elogios inéditos para te derramar em cima, para te ungiar, como outrora se ungiam os reis – e não me proporcionas ensejo, não escreves nada, cultivas a esterilidade absoluta! Falar em tua última obra-prima é repetir um ditirambo já safado. Glozamo-la em tantos tons que já não resta nenhum. Chegamos a ir ao Guarujá, a refazer a tua viagem para melhor nos certificarmos da perfeição descritiva. Fizemos tudo – e em paga de tanto, emudeces como peixe! Nenhum outro primor pingou da pena tão exaltada...

Ávidos, todos os dias corremos jornais e revistas e estudamos os pseudônimos, desconfiados de que te escondas nalgum novo. Nada, nada...

Vamos, Rangel, exsolve-te em luz que nos dissipe a crosta de decepção que se forma e me alivie a mim dos remorsos. Minha dívida para contigo está grande demais. Esmaga-me. Minha dívida de elogios retribuítorios... As tuas cartas são puras delícias do gênero humano. Sabes tocar valsas inebriantes nas cordas sensíveis do meu Fraco. Dá-me aso, pois, ó meu prodigioso amigo, de também dedilhar um bocadinho a guitarra do teu Fraco.

Adeus. O cão cessou. As crianças recolheram-se. A filha dos vizinhos deixou o resto para amanhã. É a calma que se restabelece. Volto ao Paula Batista. Fica o Chatterton e mais coisas para outra vez.

Um abraço do teu

LOBATO

P.S. Concorre ao concurso de contos da *FOLHA NOVA*. Condições: 1) Conto com enredo; 2) que não exceda de duzentas linhas; 3) que chegue lá até o dia 15 de novembro; 4) que preste.

Há três prêmios.

Mexe-te.

L.

SÃO PAULO, 3 DE NOVEMBRO DE 1904.

Rangel:

Os ditirambos epistolares denunciam em você um futuro chefe político de Caldas, ou futuro deputado federal pelo Francisco Sales. Com tal arte e lábria no jogo dos adjetivos bombons, um homem engatinha até muito longe, até aos cimos da política, do magistério ou da arte oficial. Tens pés de lã e mãos de veludo e uma bela tropa de adjetivos! Se eu fosse Presidente da República, ao receber tua carta telegrafaria em resposta: “Rangel, corre, voa, vem ser meu Ministro da Fazenda”. Como não posso dar-te uma pasta, mando-te um livro (creio que em cada carta prometo um livro). Gosto de prometer, Rangel, mesmo que não tenha intenção de dar. Quem promete já dá alguma coisa. É um livro maravilhoso: *Relatório sobre os filtros rápidos*, do doutor Ferreira Ramos.

Dizes que progredi no francês e é verdade: aprendi uma coisa. E sabes como? O Sílvio de Almeida, um dos juizes do concurso de contos, votou no meu, mas com uma advertência: “Primeiro lugar, apesar do título”. Sabe qual era o título do meu conto? *Gens ennuyees!*... Alguém lá da casa do Sílvio me deu a informação. Corei como romã e fui ao meu velho Sevene (Lembra-te? *Calypto ne pouvait pas se consoler du départ d'Ulisses... – La rue du Savon – Pend-toi, Crillon; nous avons vaincu et tu n'y étais pas*) e verifiquei que “gens” em francês é macho e não fêmea, como pus no título. Voei à tipografia fazer a correção. Era tarde...

Queres notícias daqui? Trágicas!... Raul, mais surdinho ainda, mais recurvo, mais humilde, é um *épave* do Cenáculo. Perambula à noite pelo Triângulo, entra nos cafés e espia os grupos; mete-se nas multidões e afuroa, sempre à cata dum fragmento qualquer do Cenáculo. Raul está ingurgitado de “Ohs” e não encontra ouvidos em que os deposite. E esbarra em mim e não me vê; esbarra no Tito e não o vê; esbarra no Lino e não o vê – e assim por diante até o Ricardo. Ao Ricardo também não vê, mas a atração de ímã que Ricardo sempre exerceu sobre ele

puxa-o – e Raul adere e sorri com beatitude. Surdinho e tonto dos olhos.

Por puro milagre, ontem reunimo-nos três no Progredior, Lino, Albino e eu. Não demorou muito e Raul entrou. Entrou e espiou todas as mesas. Nós amoitamos, “para ver”. Espia de novo, esbarra-nos com a ponta da capa e sai, suspirando. Querido Raul!

Ricardo deu em rábula. Está outro; já olha a vida mais burguesamente; defendeu um réu em Pindamonhangaba, citou Lombroso, enorme triunfo.

Lino prepara-se novamente para atacar o seu Porto Artur: – aquele inexpugnável Primeiro Ano.

Tito... Lembra-se, Rangel, daquele eterno “*Jacques, tu es un âne*”, do *Petit chose* de Daudet? Pois o Tito virou o nosso Jacques. “Tito, tu és uma besta”, é o que todos lhe damos – e ele sorri aquele tremendo sorriso rabelesiano. Grande alma o Tito!

Nogueira sumiu depois da morte do pai e Albino anda esplendido de filosofia. Dá de ombros com a maior perfeição. O Edgard sempre assombroso, gênio tétrico, todo mistérios – *Noite na Taverna* feita homem. Que olhos tem! Cândido, na fazenda, diz que toca violão e canta modinhas. Júlio aparece às vezes de relance⁴. Adeus, tempos do Minarete! Aquelas “manhãs de rosa com alacridade de festivos sinos...”⁵ “Os saraus do Recreativo...” O Belenzinho... Adeus! Adeus!

Suspiros do

LOBATO

⁴ Júlio Costa, um quase cenaculoide: *Cão Ensinado* (era professor). O Nogueira protestava contra a palavra “cenaculoide”; queria “cenaculista”. Nota da edição de 1948.

⁵ A primeira crônica do Raul publicada no terceiro número do Minarete: “Manhãs de rosa com alacridades festivas de sinos! Manhãs de céu de porcelana, azuis e claras! Oh, as madrugadas de maio, frescas e cheirosas – como eu vos adoro!...”. Raul está inteiro nessa crônica. Aos 20 anos já era uma saudade feito homem. Nota da edição de 1948.

SÃO PAULO, 7 DE NOVEMBRO DE 1904.

Triste coisa o desânimo...

Devido a um atroz acesso de desânimo, desses que nos transformam em budistas, deixei de escrever-te, de rir, de ler – de viver, em suma. Mas passou e já tenho ânimo de pegar nesta realmente enfeudada pena para contar assombros do Nogueira. Esse homem formidável, filho do conúbio danado de Duns Scot e do Caraca, do qual o ano passado guardaste tão profundo ressentimento a ponto de em tua última obra o mimoseares com três ironias, o Nogueira demoliu-se todinho e reconstruiu-se de novo. Está o assombro de São Paulo. Usa hoje, externamente, colete branco, terno cinza, colarinhos Santos-Dumont, botinas de pelica, *pince-nez*, ares doutorais; e internamente usa habilidades sinuosas, pruridos de *gentleman*, Marcel Prévost e as ideias políticas de Tito. Grudou-se à política municipal do Belenzinho, da qual é figura obrigatória com o seu fraque (tem fraque, sim), com o seu *pince-nez* de ouro (ouro de verdade, sim); e nas jantãs partidárias de vários coronéis desforra-se dos jejuns do Minarete. Afez-se ao carolismo do mulhério – e elas o adoram pela sutileza com que destrincha um caso de consciência ou explica uma nuance do dogma. Reza em público com grande contrição, confessa-se com um padre que é também influência política, tira o chapéu até para as bananas de São Tomé e vive num regalo, com dinheiro no bolso e amizades femininas. Está quase civilizado. E quase porque aquele célebre gesto das mãos penduradas à altura dos sovacos ainda persiste. Basta um minuto de distração e pelo menos o braço direito vai se encolhendo em forma de V e a mão pendura. Já beijou uma mulher casada e anda pensando em comprar monóculo.

Saltando de Norte a Sul, direi que o Breves morreu – o Breves jornalista, porque o outro, da “burocracia biológica”, esse vige e viça, sempre “apurado” e na concha. O Tito Franco deu de fazer n’O *Combatente* piadas contra o Chefe de Polícia, e o Chefe – diz o Ricardo – chamou o Breves para explicações e Breves as deu com desesperante prolixidade. Dizem que começou assim: “Senhor Doutor e conceituado Chefe do Poli-

ciamento Local, a mamãe...” e enveredou por aí, com a eterna mamãe puxando fila. E o caso é que O *Combatente* morreu. Perdeste o único editor, meu caro Rangel. Onde outro que tome a sério o teu, o nosso preconizadíssimo talento? O Breves publicou o teu *De São Paulo ao Guarujá* apenas por sugestão do Ricardo. O poeta abriu-se diante dele em exclamações sobre a tua genialidade. Ele sorria aquele célebre sorriso postal que era uma obra-prima de incredulidade, e de medo do Ricardo te publicava. Agora, de medo do Chefe de Polícia nem sequer edita mais o jornaleco. O Breves é todo medos – da mamãe, da esposa, do Ricardo, do Tito Franco, da polícia, do administrador dos Correios. O futuro biógrafo do Breves tem de pôr entre as suas obras-primas (os artigos *Grêmios da defesa nacional* e os *Conselhos úteis*) o prodigioso sorriso, tão discreto, com que ele duvidava da tua genialidade, Rangel. Breves, o Infame⁶!...

LOBATO

P.S. Apontas-me, como crime, a minha mistura do “você” com “tu” na mesma carta e às vezes no mesmo período. Bem sei que a Gramática sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais cômodo, mais lépido, mais saído – e, portanto, sebo para a coitadinha. Às vezes o “tu” *entra* na frase que é uma beleza; outras é no “você” que está a beleza – e como sacrificar essas duas belezas só porque um Coruja, um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva, um Epifânio e outros perobas “não querem”? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Língua de cartas é língua em mangas de camisa e pé no chão – como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz – e como *não faz* o Macuco. Juro que ele respeita essa regra da gramática como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrário.

L.

⁶ Nota do Rangel: “O Breves morava na rua da Liberdade com uma mulata. Para enfeitar a casa ela fazia uns grandes tapetes de estopa com uns enormes O. B. em tirinhas de pano torcidas”. Nota da edição de 1948.

SÃO PAULO, 15 DE NOVEMBRO DE 1904.

Rangel:

É cheio do passado que te escrevo. Imagina que fui ao *rink* (coisa que não conheces: patinação) e lá encontrei numa roda de quatro a moça mais bela que a Natureza ainda produziu. Bela, fina, elegante... Estes adjetivos já não dizem nada por causa dos abusos do Macuco. Sabe o que é o belo, Rangel? É o que alcança uma harmonia de formas absolutamente de acordo com o nosso desejo. Se um mínimo senão na asa dum nariz rompe de leve essa harmonia, a criatura pode ser linda, bonita, encantadora – mas bela não é. Pois aquela moça era bela, Rangel. Chamava-se, nos meus 14 anos, Belita, Isabelita – Isabel. Foi o meu primeiro amor, em Taubaté.

Mas falemos em coisas profanas. Li o teu último artigo... Nunca viste reprodução dum quadro de Gleyre, *Ilusões perdidas*? Pois o teu artigo me deu a impressão do quadro de Gleyre posto em palavras. Num cais melancólico barcos saem; e um barco chega, trazendo à proa um velho com o braço pendido largadamente sobre uma lira – uma figura que a gente vê e nunca mais esquece (se há por aí os *Ensaaios de crítica e história* do Taine, lê o capítulo sobre Gleyre). O teu artigo me evocou a barca do velho. Em que estado voltaremos, Rangel, desta nossa aventura de arte pelos mares da vida em fora? Como o velho de Gleyre? Cansados, rotos? As ilusões daquele homem eram as velas da barca – e não ficou nenhuma. Nossos dois barquinhos estão hoje cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulância. São as nossas ilusões. Que lhes acontecerá?

Somos vítimas de um destino, Rangel. Nascemos para perseguir a borboleta de asas de fogo – se a não pegarmos, seremos infelizes; e se a pegarmos, lá se nos queimam as mãos. Nós três, eu, você e o Edgard, sofremos da mesma doença e, pois, trilharemos as mesmas sendas e voltaremos ao cais na barca de Gleyre – com aquele mastro caído, a lira largada, a bússola sem agulha. E por que isso, Rangel? Porque em nós três há uma coisa que nos obriga a partir, a caçar a borboleta,

embora certos de que o retorno será na barca de Gleyre. Essa coisa dentro de nós é o que explica a imensa disparidade entre você e o Breves, entre o Edgard e o Goulart, entre eu e o Macuco. O que não impede que Breves, Goulart e Macuco nos olhem com profundo desprezo. Devemos ser para eles o que eles são para nós.

Estamos moços e dentro da barca. Vamos partir. Que é a nossa lira? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanômetro, mais penetrante que o microscópio: a lira eólica do nosso senso estético. Saber sentir, saber ver, saber dizer. E tem você de rangelizar a tua lira, e o Edgard tem que edgardizar a dele, e eu de lobatizar a minha. Inconfundibilizá-las. Nada de imitar seja lá quem for. Eça ou Ésquilo. Ser um Eça II ou um Ésquilo III, ou um sub-Eça, um sub-Ésquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard, o Lobato. Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.

O trabalho é todo subterrâneo, inconsciente; mas a Vontade há que marcar sempre um norte, como a agulha imantada.

Esses nossos desalentos, esses nossos tédios iterativos, esses nossos desesperos, provam a favor, Rangel, não provam contra. São reflexos da misteriosa gestação subterrânea. Como vem isso? Sempre como eco do constante processo analítico inerente à gestação. Você lê uma página genial de Hugo e a comparação inconsciente que fazes entre ele e você desnuda-te uma aparente inferioridade. Eu vejo uma cena, procuro o meio de transmiti-la por meio de palavras, não consigo e perco a confiança em mim. O Edgard sente uma sensação nova, estranha, jamais sentida por ninguém no mundo; analisa-a, não a apreende – e ei-lo de dia estragado, azedo sem saber por quê. Mas esse eterno “procurar”, Rangel, é que é a grande coisa que há dentro de nós e não há no Macuco. O Macuco não procura coisa nenhuma, porque está certo de que é um gênio e não precisa de coisa nenhuma.

Cansado de desanimar, eu não desanimo mais, depois que apanhei a causa dos meus desânimos. Trabalho às ocultas lá no subconsciente. Em quê? Na afinação da lira e na fixação com palavras do que ela apanha. O sonho, sabes qual é – o sonho

supremo de todos os artistas. Reduzir o senso estético a um sexto sentido. E então pegar a borboleta!

Você me pede um conselho e atrevidamente eu dou o Grande Conselho: seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma. E para ser si mesmo é preciso um trabalho de mouro e uma vigilância incessante na defesa, porque tudo conspira para que sejamos meros números, carneiros dos vários rebanhos – os rebanhos políticos, religiosos ou estéticos. Há no mundo o ódio à exceção – e ser si mesmo é ser exceção. Ser exceção e defendê-la contra todos os assaltos da uniformização: isto me parece a grande coisa. Se a tomarmos como programa, é possível que um dia apanhemos a borboleta de asas de fogo – e não tem a mínima importância que nos queime as mãos e a nossa volta seja como a do velho de Gleyre⁷.

LOBATO

* * *

SÃO PAULO, 9 DE DEZEMBRO DE 1904.

Rangel:

Esta é a última que te escrevo como estudante. Amanhã a estas horas estarei bacharel em ciências jurídicas e sociais – doutor Lobato! A sensação há de ser a que me causou a primeira calça comprida. Que vergonha de todo mundo, meu Deus! A impressão era de que o universo inteiro cravava os olhos em mim e sorria ironicamente. Adeus. Receba lá o último abraço do Lobatinho que vai ser guilhotinado ao

⁷ Há um erro aqui. Esse quadro de Charles Gleyre, que entrou para o Museu de Luxemburgo e de lá se passou para o Louvre, sempre foi vítima de traições. Gleyre denominou-o *Soir*, mas o público foi mudando esse nome para *Illusions perdues* e assim ficou. Eu também mexi no quadro. Pus o velho dentro da barca e fiz a barca vir entrando no porto, toda surrada. Traí o pobre Gleyre. Sua barca não vai entrando, vai saindo, como se deduz da direção do enfunamento das velas... Nota da edição de 1948.

meio-dia – e por antecipação receba também o primeiro abraço do breve e grave Doutor Monteiro Lobato.

LOBATO

P.S. Veio de retorno o meu Nietzsche. Chegou bem de viagem e através das notas marginais disse-me que... que... que só te procurará em novos volumes alguns anos mais tarde, depois que o meu amigo Rangel amadurecer um pouco mais. Impertinente este alemão, não é verdade?

Emerson é americano – e grande. Estou à espera de *Representative men*. O seu ensaio sobre a Natureza ensinou-me algo bastante curioso: se você olhar uma paisagem por entre as pernas, quero dizer, com os olhos de “cabeça para baixo”, a paisagem fica uma coisa nova.

Experimente.

L.

* * *

TAUBATÉ, 30 DE DEZEMBRO DE 1904.

Rangel:

Aqui no exílio a modorra é um mal ambiente que derruba até os mais fortes. Exílio, Rangel, pura verdade! Saltar da libérrima vida estudantina de São Paulo e cair neste convencionalismo de aldeia, com trabalhos forçados... Sinto-me rodeado de conspiradores; todos tramam o meu achatamento. Tudo quanto mais prezávamos – o nosso individualismo etc. é crime de lesa-aldeia, de que o vigário, os parentes e as mais “pessoas gradas” nos querem curar. O ideal é fazer de nós mais uma “pessoa grada”, mais um “cidadão prestante”. É arredondar-nos como um pedregulho, lixar-nos todas as arestas – as nossas queridas arestas! Um homem aqui só fica bem “grado” quando se confunde com todos os outros e é irmão do Santíssimo Sacramento.

Ontem insinuaram-me que eu tinha de ir à missa dum coronel que morreu e nunca vi mais gordo; insinuaram de leve, porque a conspiração é jesuítica. E se não me defendo heroicamente, acabo papa-missa, papa-defunto, papa-sermão – e freguês da chimbica no fundo da farmácia.

Logo que cheguei (que cheguei “formado”) mimosearam-me com uma manifestação; foguetes (Taubaté não faz nada sem foguetes), a banda de música, molecada atrás e oito discursos, nos quais se falou em “raro brilhantismo”, “um dos mais”, “as venerandas arcadas” e outras macuquices que tive de aguentar de pé firme em casa de meu avô. Eu percebia o jogo: a manifestação era mais dirigida a ele do que a mim, porque ele é um grande visconde e eu não passo dum simples “neto de visconde”.

Não respondi macucalmente, como era esperado. Declarei que não havia razão para homenagem, porque se tratava dum bacharel mais pelo Largo do Rosário do que pela Academia, no qual as ciências do Triângulo superavam as do *Corpus Juris*. Disse ainda que um novo advogado não passa de mais uma filoxera social que sai do casulo – e por aí além. Os manifestantes entreolharam-se. A língua era nova e desconhecida na terra, mas a cerveja que o avô mandou servir (e creio que era ao que realmente vinham) reconciliou-os com o neto.

Não imaginas a estranheza da minha emoção quando estourou lá longe o primeiro foguete e alguém ao meu lado disse: “É a manifestação que vem vindo”. Um foguete soltado por minha causa...

Mudando: ontem peguei um numero d’O *Combatente* e reli o capítulo II do teu *De São Paulo ao Guarujá. Terra Efervescente*. Viajei de novo de São Paulo ao Guarujá com aquela descrição que é um cinematógrafo com fonógrafo ao lado, ou, melhor, que é um extraordinário “biógrafo”. Quando nos darás mais coisas como essas?

Veio o Maeterlinck.

Do teu desolado

LOBATO